



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

JANE CLEIDE DO NASCIMENTO LIMA

**INTERLÍNGUA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA
APRENDIZAGEM DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**RECIFE,
2008.**

JANE CLEIDE DO NASCIMENTO LIMA

**INTERLÍNGUA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA
APRENDIZAGEM DO ESPANHOL COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

Dissertação, apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Linguagem, na linha de pesquisa *Linguagem, Educação e Organização Sócio-Cultural*, sob orientação do Prof. Dr. Junot Cornélio Matos.

**Recife,
2008**

L7341 Lima, Jane Cleide do Nascimento
Interlíngua : aspectos fonéticos e fonológicos na
aprendizagem do espanhol como língua estrangeira /
Jane Cleide do Nascimento Lima ; orientador Junot
Cornélio Matos, 2008.
93 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem, 2008.

1. Aquisição da segunda língua. 2. Linguagem - Estudo
e ensino. 3. Aquisição de linguagem. 4. Fonética. I Título.

CDU 801.4

**INTERLÍNGUA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA
APRENDIZAGEM NO ESPANHOL COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

JANE CLEIDE DO NASCIMENTO LIMA
Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Dissertação de Mestrado, submetida à banca examinadora, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data 27/10/2008.

Banca examinadora

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador

Prof^a. Dr^a. Marígia Ana de Moura Aguiar
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora Interna

Francisco Gomes de Matos
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador Externo

DEDICATÓRIA

A minha avó Flora Marina (in memoriam) e ao meu irmão Emerson (in memoriam) que estariam felizes pelas minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, a Ele toda honra e toda glória; a Jesus, pela infinita bondade e a intercessão de Maria em todas minhas horas de aflição, como mãe protetora, cobrindo-me com seu manto sagrado.

Aos meus pais, Nelson e Ivanete, que são a minha fonte de inspiração para crescer e que me ensinaram que o amor está acima de todos os sentimentos.

A minha tia Geni (Gi) que me ensina constantemente o valor da simplicidade, da humildade e de seguir o caminho do bem com sabedoria.

À minha família (minhas irmãs: Neide, Dinha, Genizinha; Sobrinhos: Rodrigo e Poliana; pelos meus cunhados Teixeira e Valdo, pela atenção; à minha afilhada, Sueli , pelo constante apoio e suporte tecnológico, administrativo e prontidão em me ajudar), pela confiança e carinho.

À, Edvaldo, por me ensinar a viver com mais maturidade, ofertando-me companheirismo, humor, amor e paciência em todos momentos desta fase de minha vida.

Ao meu grande amigo e irmão, Marcos, pela atenção em todas as horas, por me ensinar a perseverar, amar e a crescer como profissional e pesquisadora. Sempre orgulhoso do meu sucesso, me estimulou no incessante desejo de aprender e de ir sempre mais longe, acreditando nos meus sonhos.

A Nena, pelas constantes orações e por ter me adotado como filha do coração.

Aos Grupos de Espanhol do Guati, principalmente, Dircéa, Penha, Lais, Sônia, Norma Tenório, Norma Célia, Marilce, Salita, Selma, Lúcia, Regina, Laurita, Raquel, Dora e Sérgio; pelo carinho, confiança e amor em todas as horas.

A todos meus professores do mestrado, pelos ensinamentos que nos constituíram e modificaram a existência pela luz do conhecimento ..

À coordenadora e prof^a Wanilda, pela compreensão e escuta em todas as horas.

Aos funcionários da UNICAP: Claudinha , Nadjanara, D.Nicéias, e Sergio (Secretaria) Alexandre e Jorge (biblioteca); Bloco J (seu Batatinha, Cristiano, Marcelo) .

Aos companheiros do mestrado, turma mcl turma 4 (Flavinha, Leila, Póla e Isabel) mcl turma 5 (Karla, Juliana, Júlia, Angelita, Michele, Herta, mcl turma 6 (Elda e Rozilda) e principalmente Shalimar, Fred e Paulo, por compartilharem minhas inquietações, dúvidas , medos, alegrias, e inspirações acadêmicas.

A meus amigos de todas as horas: Paulo, Maristela, Mira , Josineide, Edinha, e Adriana pelos laços de amizade que nos unem. E também a Nayde, Simone e Valdilene pelas constantes reflexões na busca pelo saber, mas sem distanciar-se da vida como ela é e nos acolhe.

Ao companherismo dos colegas professores da Faculdade de Escada.

E a amizade e carinho de Edileuza e Hércules, Diana e Fernando, Dora e Naldinho, Cícera e Roberto.

Agradecimentos especiais:

Ao meu professor Dr. orientador Junot, conselheiro e amigo, meus eternos agradecimentos pela paciência, amor e disponibilidade em ajudar a todos.

A Marígia, pela generosidade desmedida e exemplo de profissional competente e pessoa admirável .

A Ana Carla, uma pessoa amável e exemplo de amor e respeito aos semelhantes.

.

Todas as línguas (variedades) do plurilingüismo, qualquer que seja o princípio subjacente a elas e que torna cada uma única, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de conceitualizar o mundo em palavras, visões específicas do mundo, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados e valores. Como tais, todas elas podem ser justapostas umas às outras, se suplementar mutuamente, se contradizer mutuamente e se inter-relacionar dialogicamente. Como tais elas encontram umas às outras e coexistem na consciência das pessoas concretas (...) Como tais, essas línguas (variedades) vivem uma vida concreta, se embatem e evoluem num ambiente de plurilingüismo social (BAKHTIN,1981, p.291-292)

LISTA DE CONVENÇÕES

LA – Lingüística Aplicada

LM – Língua Materna

L1 - Língua Materna

L 2 – Segunda Língua

E/LE – Espanhol Língua Estrangeira

AC – Análise Contrastiva

IL – Interlíngua

PB – Português Brasileiro

LISTA DE IMAGENS

Quadro 1: Lingüística Aplicada e suas subáreas	20
Quadro 2: Processo de aprendizagem da L2	26
Quadro 3: Origem das vogais portuguesas e espanholas.....	32
Quadro 4: Características da Língua e fala.....	38
Quadro 5: Contrastes fonológico/ortográfico em português.....	42
Quadro 6: Contrastes fonológico/ortográfico em espanhol	43
Quadro 7: Sistema vocálico do espanhol.....	45
Quadro 8: Fonemas comuns ao espanhol e ao português	46
Quadro 9. Classificação articulatória das vogais	47
Quadro 10. Vogais em posição tônica diante de nasal	48
Quadro 11. Vogais em posição pretônica	49
Figura 1. Zonas de articulação do espanhol	41

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar uma discussão sobre aspectos fonéticos e fonológicos do aprendiz brasileiro do idioma Espanhol, que se depara com dificuldades vindas da proximidade entre as duas línguas e/ou pela interferência da língua materna (LM) na aprendizagem da língua estrangeira (LE). Para tanto, fundamenta-se em pressupostos da Lingüística Aplicada, na perspectiva da análise, levando em consideração as hipóteses de aquisição e aprendizagem da LE e o que isto significa em termos de ensino-aprendizagem da interlíngua. Nesta linha de pensamento, suas similitudes e diferenças fonológicas, em determinados contextos de aquisição, serão delimitados nas reflexões.

Palavras-chave:

interlíngua, aquisição de LE, aprendizagem, fonologia.

Resumen

Este trabajo se propone a presentar una discusión sobre aspectos fonéticos y fonológicos del aprendiz brasileño del idioma Español, que enfrenta dificultades provenientes de la proximidad entre las dos lenguas y/o por la interferencia de la lengua materna (LM) en el aprendizaje de la lengua extranjera (LE). Para tanto, se fundamenta en premisas de la Lingüística Aplicada, en la perspectiva de análisis, según las hipótesis de adquisición y aprendizaje de la LE y lo que esto significa en términos de enseñanza-aprendizaje de la interlengua. En esta línea de pensamiento, sus similitudes y diferencias fonológicas en determinados contextos de adquisición serán delineados en las reflexiones.

Palabras-clave:

interlengua, adquisición de LE, aprendizaje, fonología.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1. Panorama teórico de estudo sobre aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras.....	21
1.2. Modelos fonológicos	29
1.2.1. Teoria estruturalista.....	29
1.2.2. Teoria da Fonologia natural.....	29
1.2.3. A fonologia gerativa padrão.....	30
1.2.3.1. Traços distintivos.....	32
1.3. Similitudes históricas.....	30
1.4. Princípios fonéticos e fonológicos.....	31
1.4.1. Diferenças fônicas entre o português e o espanhol.....	38
1.4.2. Sistema vocálico do Espanhol.....	29
1.4.3. Considerações sobre as vogais em posição pretônica e postônica.....	47
1.5. A interlíngua	50
1.5.1. Níveis de interlíngua	52
1.6. Sugestões para superação das dificuldades alusivas as vogais	53
CAPÍTULO 2 METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO.....	57
2.1 Caracterização do contexto da pesquisa e descrição dos procedimentos metodológicos.....	58
CAPÍTULO 3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS.....	38
3.1 Análise dos Dados e Discussão	39
ANEXOS	78

INTRODUÇÃO

As questões suscitadas neste estudo são advindas de preocupações e inquietações observadas em minha trajetória docente como professora de Espanhol em cursos de idiomas, nível fundamental II, nível médio e em curso superior, principalmente de Letras. Assim, a partir das reflexões teóricas e na busca de encaminhamentos didáticos para o processo de aprendizagem e ensino da língua estrangeira, identificou-se a necessidade de conhecimento sobre os princípios que subjazem tal aquisição nos níveis fonéticos e fonológicos.

Além disso, considerando os relatos dos alunos em relação às dificuldades encontradas em todos os níveis (fonético, fonológico, morfológico, sintático), ficou evidente que, freqüentemente, o alunado não possuía uma consciência de seu desenvolvimento lingüístico.

Desta forma, o aprofundamento de conhecimentos na interface entre a língua materna e a língua estrangeira, acerca dos processos de aprendizagem de uma língua estrangeira, são imprescindíveis na formação de alunos mais proficientes. Destarte, alguns questionamentos foram levantados na prática pedagógica como motivação para análise do processo de produção oral, nos aspectos fonológicos da interlíngua.

Por esta razão, o grande desafio de usuários de línguas consideradas próximas está no reconhecimento dos traços distintivos, por isso optamos pelo enfoque contrastivo e oferecendo aportes para a superação no sistema vocálico do espanhol e do português. Assim sua herança lingüística nos favorece uma abordagem dos traços distintivos, ora semelhantes ora contraditórios cujo perfil de ambas, justifica-se pela mesma origem latina e influências de línguas germânicas, gótico, árabe, provocando assim explicações na interlíngua dos aprendizes. Segundo Masip (2003, p. 37), "a maior parte do léxico de ambas as línguas (em torno do 75%) provém do latim". No decorrer do trabalho tecer-se-ão considerações sobre os sistemas fonéticos e fonológicos e suas implicações na aprendizagem das vogais, principalmente as médias.

O Espanhol como Língua Estrangeira (doravante E/LE)¹ vem crescendo vertiginosamente pelo aumento de falantes adotivos em todo o mundo, bem como pelas relações econômicas, culturais e internacionais desenvolvidas entre os países hispânicos. Inclusive, no livro *Política Lingüística na América Latina* (HORA, 2008), são discutidos alguns eixos temáticos: a política lingüística; línguas em contato; história do Espanhol e do Português Americanos, os quais analisam as principais tendências das dinâmicas lingüísticas atuais.

A partir dos diálogos possíveis entre linguagem e educação, esta pesquisa visa examinar, investigar, revisar a aprendizagem do E/LE, servindo-se de algumas premissas da Lingüística Aplicada, discutindo a Análise Contrastiva, situando as abordagens de erro, mas na perspectiva de análise e interpretação como condicionantes para seu ensino e aprendizagem.

Nesta pesquisa, o objetivo geral é observar as interferências das características fonotáticas da língua portuguesa, falada em Recife, especialmente do sistema vocálico do português, na língua espanhola, num processo de interlíngua.

São crescentes os estudos realizados pela comunidade científica, com preocupação em relação às regras fonológicas envolvendo o sistema vocálico do português, dentre eles, cito o trabalho de análise das vogais médias pretônicas do Português² falado por crianças recifenses (cf. Vogeley e Hora, 2008), além de minha comunicação de pesquisa preliminar apresentada no Congresso de Psicolingüística³ sobre os aspectos fonológicos na interlíngua, então para esta investigação ampliamos o nível de análise delimitando-a nas vogais médias pretônicas e postônicas.

Sendo assim, propõem-se, como objetivos específicos:

- a) Identificar características do sistema vocálico do português, em posição pretônica e postônica, no que concerne à variedade adotada

¹ E/LE – Espanhol como Língua Estrangeira é um termo utilizado e recorrente nos textos oficiais e nas referências bibliográficas sobre o idioma. Entretanto, Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2) são termos que designam, no primeiro caso, um idioma aprendido fora do contexto de uso da mesma, ou seja, fora do país onde é utilizado como língua materna. No caso de Segunda Língua, considera-se a língua materna como a primeira língua (L1) e a L2 um idioma aprendido e usado pelo aprendiz em um contexto de imersão. (YOKOTA, 2005, p. 21)

² Vogeley, Ana Carla Estellita e Hora, Dermeval da. Aquisição das vogais médias pretônicas. (2008)

³ Comunicação apresentada no Congresso Internacional de Psicolingüística – ISAPL (2007).

em Recife e sua possível interferência na aquisição do espanhol como L2;

- b) Identificar os fatores lingüísticos considerados relevantes à aplicação de regras de elevação, de abaixamento ou de manutenção da fechada, em relação às vogais, caracterizando o fenômeno da interlíngua;
- c) Analisar as estratégias utilizadas por falantes de língua portuguesa ao lidarem com espanhol em situação de aquisição, na emissão das vogais em seus diversos contextos de tonicidade;
- d) Contribuir para um ensino de L2 com a mínima interferência possível das características fonotáticas da L1, no sentido de promover uma aquisição próxima ao do falante nativo, respeitando, também, as variedades em jogo nesse processo.

Sendo assim, questiona-se se há transferência de características fonético-fonológicas da variedade do português falada em Recife. Além disso, as regras de abaixamento, manutenção ou elevação das vogais átonas, em falantes recifenses aprendizes de espanhol como L2, são favorecidas pelos mesmos fatores lingüísticos que condicionam a variedade na L1?

A partir dessas questões norteadoras, os elementos lingüísticos serão delineados com o propósito de identificação em seus aspectos históricos implícitos e situados no contexto de interação, a fim de instrumentalizar a análise comparativa do Espanhol à língua materna. O Dicionário de Linguagem e Lingüística conceitua a fonotática (phonotactics) como:

As regras para combinar fonemas de modo a formar palavras, numa língua. Qualquer variedade de qualquer língua possui um conjunto maior ou menor de fonemas, e toda palavra legítima nessa língua precisa consistir numa seqüência permitida desses fonemas. A palavra-chave, aqui, é permitida nenhuma língua permite que seus fonemas ocorram em qualquer seqüência. Ao contrário, cada língua impõe restrições às seqüências de fonemas que podem ocorrer numa palavra, e essas restrições constituem sua fonotática.

(TRASK , 2006, p. 118)

No Dicionário de Linguagem e Lingüística (Trask, 2006, p. 180), o termo Lingüística Aplicada (doravante LA) é usado para fazer referência ao

ensino das línguas estrangeiras. Assim, neste estudo, se revisitam os conceitos lingüísticos da Lingüística Contrastiva, cuja base teórica compara sistematicamente os sons, palavras e sistemas gramaticais da língua materna e da língua-alvo a fim de evidenciar as diferenças e usos.

Baseado nestes aspectos, o conhecimento da LE será orientado para possivelmente fomentar a multiculturalidade para os aprendizes, dimensionando a pesquisa numa perspectiva interdisciplinar.

Espera-se que, com essa pesquisa, viabilize-se um ensino e aprendizagem com novos olhares didáticos com vistas à intervenção para o ensino do Espanhol como um dos fatores relevantes para o enriquecimento da produção oral e escrita dos discentes.

Desta forma, este trabalho poderá oferecer subsídios ao aprendiz de espanhol como LE a tentar eliminar, ao máximo, alguns traços mais marcantes de seu sotaque de estrangeiro. É fundamental, então, que o aprendiz conheça as diferenças fonotáticas entre a língua-alvo e sua própria a fim de que a comunicação seja ainda mais efetiva.

As habilidades necessárias aos aprendizes serão discutidas ao longo deste trabalho, porque se detecta que dependendo do tratamento dado a língua Espanhola acarreta dificuldades de compreensão, devido a variação do léxico, desinformação de contexto histórico-cultural, sendo contrastante com a realidade da língua materna (LM), pois é necessário um conhecimento da diversidade lingüística necessária a aprendizagem e ensino da cultura hispânica .

Assim como também pela necessidade de levantar questões que contribuam para a formação docente relacionadas à implementação da Lei 11.162 , de cinco de agosto de 2005, que dispõe sobre o Ensino de Espanhol, tornando sua oferta obrigatória na rede de ensino (Cf. anexo 5).

Além disso, conforme orientação do livro "Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa", de Mattoso Câmara Jr, adotou-se neste trabalho, portanto, uma transcrição com o alfabeto comum na base do valor das letras em português pela dificuldade de ordem tipográfica. Eis as convenções adotadas, que necessitam explicação para maior clareza de leitura:

Para representar para a vogal média, usaremos letra minúscula entre barras /e/ e /o/ que indica as médias fechadas ou médias altas e letra

maiúscula entre barras /E/ e /O/, que indica as médias abertas ou médias baixas.

No primeiro capítulo, busca-se traçar uma visão panorâmica sobre o campo teórico relativo à aquisição e aprendizagem do E/ LE. No segundo capítulo, tratar-se-á da interlíngua e suas hipóteses no processo de aprendizagem do idioma, abordando aspectos num *continuum* tipológico.

Em seguida, no segundo, delimitar-se-ão as características metodológicas, desde o corpus deste estudo assim como também a descrição da amostra.

No capítulo III, está a análise das vogais médias em posição pretônica e postônica bem como a discussão dos resultados encontrados.

Para finalizar, espera-se que alguns considerações discutidas como a interlíngua nos aspectos fonético-fonológicos, ressaltando-se como preponderante para a aprendizagem de E/LE. Mediante as reflexões expostas, espera-se com este estudo que possa contribuir para pesquisas posteriores no campo do Ensino-fonologia.

CAPÍTULO 1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo parte da concepção de língua como sistema de representação e interação, bem como de prática social exercido pelos sujeitos, cujos elementos estão inter-relacionados em vários níveis, morfológico, fonológico e sintático, mas só realizada enquanto prática social. Ainda conforme a concepção de língua bakhtiniano como sujeito social, histórico e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro.

Partindo desta concepção de língua como prática social, serão destacados, a seguir, alguns pressupostos teóricos sobre a aquisição da LE, na perspectiva da Lingüística Aplicada, mas, também, destacando algumas abordagens fonético-fonológicas sobre a interferência da língua materna na aprendizagem do espanhol como LE, além de destacar alguns aspectos históricos relevantes sobre ambas línguas de modo que essa revisão teórica sirva como base de análise para os resultados desse estudo.

1.1. PANORAMA TEÓRICO DE ESTUDO SOBRE AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

A Lingüística Aplicada como disciplina independente foi reconhecida pela Universidade de Michigan, em 1946. Então, surgiu a Revista Language Learning; Em seguida a International Review of Applied Linguistics (IRAL) e só houve sua fundação, efetivamente, em 1949 pela Association Internationale de Linguistique Appliquèe.

Vale ressaltar que é uma das áreas das Ciências da Linguagem, que enfoca especificamente questões da linguagem inseridas na prática social real, distribuídas em subáreas tais do ensino-aprendizagem das línguas, a da tradução e interpretação, a da terminologia e lexicografia, e a das relações sociais profissionais mediadas pela linguagem.

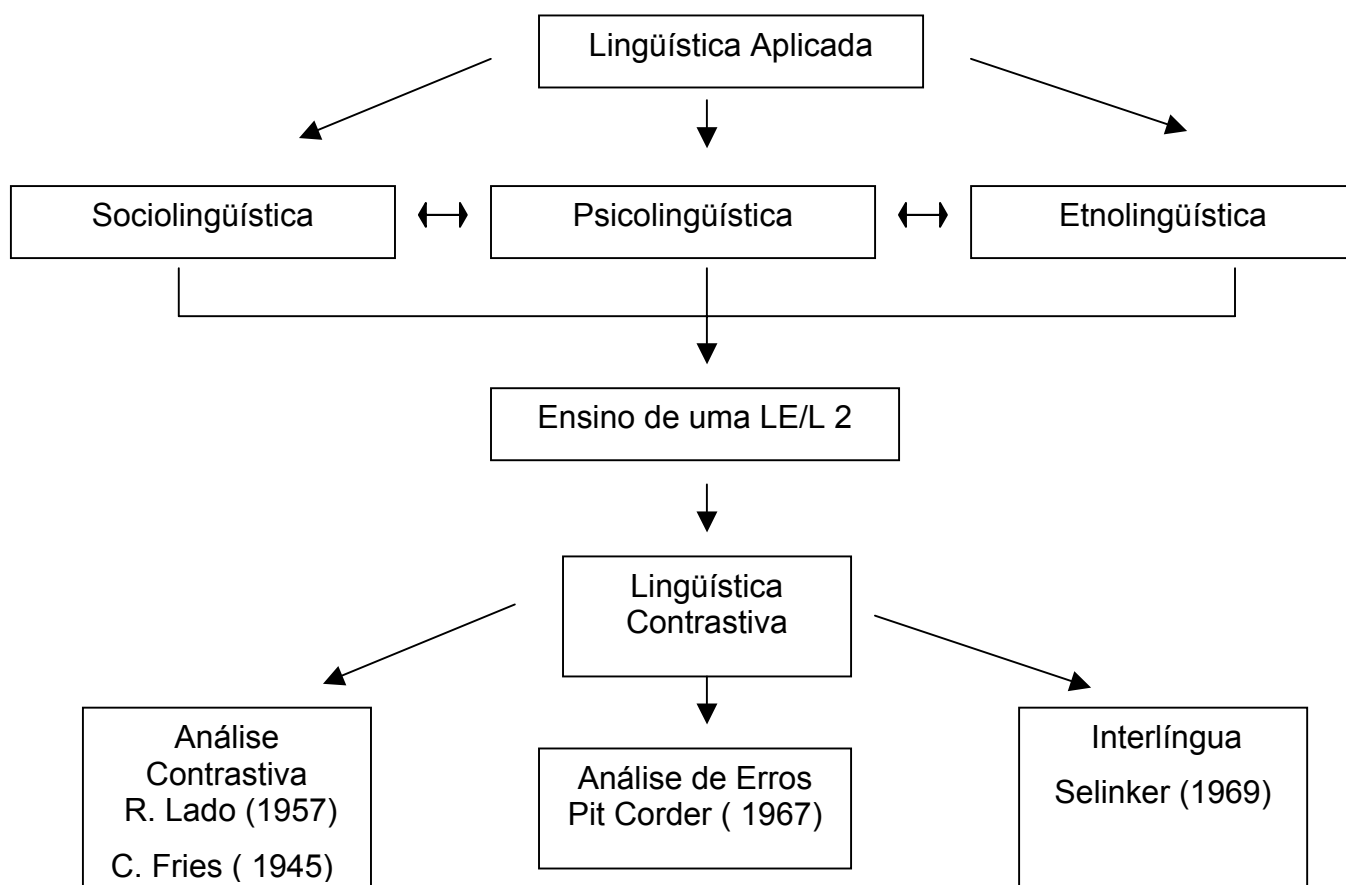
Desde o final do século XIX, com os primeiros estudos de Lingüística Aplicada, consolida-se como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual que colabora com o avanço

do conhecimento teórico, e que utiliza métodos em âmbito positivista e interpretativo.

Atualmente, há a interdisciplinaridade com a Psicolingüística, a Etnografia e a Sociolingüística. A Análise Contrastiva se interessa pelos efeitos que as diferenças existentes entre a LM e a LE produzem na aprendizagem de línguas meta, reunindo as gramáticas descritivas de duas línguas, e simultaneamente, determinando as dificuldades de aprendizagem. Seus principais precursores foram Fries (1945), Weinreich (1953) e Lado (1957). Nestes modelos de análise é a de que todos os erros podem ser identificados nas suas diferenças léxicas, fonéticas, morfológicas e sintáticas que existem entre a LE e LM do aprendiz.

Apresenta-se, adiante, o quadro proposto por Gargallo (1993, p. 22) que esclarece as subáreas da Lingüística Aplicada, destacando a relação interdisciplinar e seus maiores expoentes:

Quadro 1: Lingüística Aplicada e suas subáreas



A partir da década de 40, consolidaram-se as pesquisas teóricas sobre o processo de aprendizagem de segundas línguas em LA, sob o termo Lingüística Contrastiva, e suas diferentes perspectivas de análise, tais como Análise Contrastiva, Análise de Erros e teoria da Interlíngua, que posteriormente vieram a se complementar, com maiores precursores com tradição nos Estados Unidos e Europa.

O objetivo principal da Análise Contrastiva com a finalidade de graduar as dificuldades na aprendizagem de LE e possíveis interferências. Entretanto, partindo da hipótese de que a LM fosse o único fator de interferência, por considerar a comparação formal e estruturalista, delimitaremos essa análise apontando a diferença entre aquisição e aprendizagem que foi estabelecida por Krashen (1977), o qual foi contra AC, pois este autor enfatizava a função comunicativa, e à luz da análise chomskyana, também considera a língua como uma faculdade da linguagem. Aquisição de linguagem é o termo usado para referir-se às habilidades lingüísticas que se internalizam naturalmente, sem atenção consciente às formas lingüísticas. Aprendizagem, ao contrário, é o termo que se refere a algo consciente, conseqüência de uma situação formal de aprendizagem ou programa de estudos.

No presente estudo, denomina-se LE como um idioma aprendido fora do contexto de uso da mesma, ou seja, fora do país onde é língua materna e Segunda língua (L2), considerando a língua materna como L1 e a L2 como um idioma aprendido e usado pelo aprendiz em um contexto de imersão.

Os estudos sobre o ensino de línguas estrangeiras têm sua origem em início do século XX, com a psicologia comportamentalista que se preocupava em estudar a língua materna e a língua alvo para “prever” e evitar os erros na produção da língua estrangeira ou segunda língua. Desta forma, a análise contrastiva de Lado (1957) e Weinreich (1953) defendia a interferência da língua materna como causa de erros no uso da segunda língua.

Aprendizagem do E/LE é elemento fundamental para ampliação de horizontes de análise devido as possibilidades que a linguagem oferece, seja nas variantes lingüísticas ou sócio-culturais. Haja vista que se desenvolvem

alguns conhecimentos lingüísticos e comunicativos que se entrecruzam, no processo de apropriação de uma LE, segundo Ellis, destacam-se:

- Conhecimento implícito/intuitivo/procedimental
- Conhecimento explícito/declarativo
- Metacognição: estratégias de aprendizagem

Desta forma, tecem-se algumas reflexões quanto às concepções da aprendizagem, as escolas behaviorista, cognitivista e construtivista.

Na escola behaviorista, com o condicionamento respondente, assim como Skinner, no neo-behaviorismo, acreditavam que o aluno era uma tábula rasa, depósito de conhecimento, cuja língua era adquirida por um processo de formação de hábitos, mediante instrução programada progressivamente. Portanto, a teoria clássica de Pavlov seguia o condicionamento respondente (S-R), Skinner seguia o operante governado por conseqüências (R-S), ou seja, através de prêmio, sem punição e instrução programada.

No final dos anos 60, depois das críticas feitas por muitos teóricos à análise contrastiva, surge a teoria de aquisição de Skinner, inspirada na síntese gerativa de Chomsky que questionava Pit Corder. em seu artigo *The significance of learners errors*, o qual nos dá a diferença entre erro e lapso, pois sugere que se deve considerar a interlíngua.

Sendo assim, o enfoque desta concepção teórica era o professor e o ensino. Haja vista que no livro *Verbal Behavior*, Skinner afirma que, primeiro a criança imita os sons que ouve ao seu redor; Depois, os adultos “reforçam” as tentativas da criança por aprovação ou outra reação desejável; Para que, em seguida, através de recompensa ou punição, possam formar hábitos “condicionados” para coincidir com os adultos.

Na escola cognitivista, busca-se centrar no aluno e na aprendizagem de forma significativa, contrapondo à “decoreba” a fim de relacionar conceitos cognitivos pré-existentes no organismo humano a novos eventos ou itens. Segundo Mc Laughlin (apud YOKOTA, 1999) a teoria cognitiva que enfatiza os processos psicolingüísticos de input⁴, intake⁵ e output⁶, implica em:

⁴ Input, pode ser entendido como informação disponível com o qual o estudante entra em contato. São os dados primários. (YOKOTA, Rose,2005, p.22)

⁵ Intake é a “tomada de dados”, o processamento das informações na mente.(YOKOTA, Rose,2005, p.22)

- Input compreensível ($i + 1$, Krashen), zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky), com mostras de língua as quais está exposto e as que aprendem são suscetíveis de serem processadas.
- Intake; permite reestruturar sua competência lingüística e construir novos modelos mentais da interlíngua que influenciam na produção compreensiva do aprendiz, quando usa a língua por necessidades comunicativas.
- Output: contribui ao processo de apropriação, melhora a fluidez, participa nos processos de conscientização do que quer e do que não quer dizer, permite criar e comprovar hipóteses e desempenhar uma função metacognitiva dentro da aprendizagem colaborativa.

Nesta abordagem, necessita oportunidades para retroalimentação externa ou própria (modificação da produção; reconhecer erros e ambigüedades; reprocessamento sintático e semântico, interiorizar novas formas e melhorar sua competência comunicativa).

Na escola construtivista, privilegia-se a interação entre professor/aluno, e entre alunos, ou seja, como pessoa total que deveria aprender a aprender, numa comunidade de aprendizes. Assim, percebe-se que Vygotsky (1978) acredita que a interação social é fundamental no desenvolvimento cognitivo e rejeita a noção de estágios pré-determinados.

Estabelecendo-se um paralelo entre as teorias psicológicas e lingüísticas, destacam-se as seguintes idéias subjacentes, as quais estão atreladas pelas escolas de pensamento da seguinte forma:

a) No Behaviorismo e Estruturalismo, percebe-se a ênfase na descrição, no desempenho observável, no método científico, no condicionamento e reforço, enfim na estrutura superficial. Desta forma, levando para o ensino de L2, atividades repetitivas semelhantes a L1.

⁶ Output é o produto ou produção lingüística . (YOKOTA, Rose,2005, p.22)

b) Nas décadas de 70 e 80, com a Psicologia Cognitiva e com o Racionalismo, a tônica estava na lingüística gerativa, na aquisição, no inatismo, na gramática universal, enfim na estrutura profunda. Destarte, Chomsky dizia que a língua era como um sistema complexo de regras, ou seja, a “competência” lingüística que as crianças aprendem é um sistema, diferente do “desempenho”, em que são expostos apenas à fala dos adultos (desempenho). Além disso, a possibilidade de sistematicidade, através da interlíngua, propiciou à segunda língua, maiores reflexões sobre o programa interno de aprendizado para investigação da língua do aprendiz.

c) Nas décadas de 80, 90 e início de 2000 os estudos Construtivistas destacaram os enfoques sociointeracionais da linguagem que nos indica que, é necessário considerar os interlocutores, ao se engajarem no discurso, tendo em vista as variáveis socioculturais na construção do significado, pois se focalizam os aspectos cognitivos, bem como, as hipóteses que são formuladas na aquisição da língua estrangeira através de uma aprendizagem cooperativa apresentada na interlíngua.

Com as idéias de Chomsky, houve uma mudança na abordagem dos problemas da linguagem, pois os estudos gerativistas se voltaram para os estados da mente, do cérebro, ou seja, o conhecimento da língua em sua natureza, origem e uso.

Entretanto, com a publicação de um artigo sobre a importância dos erros, Pit Corder considerando a proposta chomskyana (1992, p. 37) denomina competência transitória e afirma que “cometer erros, é pois, uma estratégia utilizada tanto por crianças que adquirem sua língua materna, como pelos indivíduos que aprendem uma segunda língua”.

Corder (1992) foi um dos primeiros a destacar a importância dos erros no processo de ensino/aprendizagem. A partir de então, o erro é valorizado como um passo obrigatório para chegar até a língua meta e, desde então, o estudo dos erros vem sendo o centro de muitas pesquisas. Este relato de investigação se refere à análise da interlíngua, baseada na Análise de Erros, de aprendizes de Espanhol. Nosso objetivo é determinar quais dificuldades são mais comuns

na interlíngua desses alunos e observar a influência que tem a língua materna nestes estágios de aprendizagem.

Segundo Stephen Krashen (apud Yokota, 2005, p. 16), os aprendizes constroem representações internas da língua que estão sendo aprendidas (retratos mentais da língua-alvo). Essas representações se desenvolvem em estágios previsíveis, em direção ao sistema da segunda língua. A aquisição de L2 se processa internamente e independe da produção lingüística do aprendiz.

As hipóteses básicas são baseadas nos seguintes conceitos:

- Diferença entre aquisição e aprendizagem

Aquisição é o resultado do engajamento em interação significativa na segunda língua, a qual é muito semelhante ao processo desenvolvido por crianças adquirindo sua L1, cuja atenção voltada para o conteúdo. A aquisição da linguagem é o termo usado para referir-se as habilidades lingüísticas que se internalizam "naturalmente" inconscientemente.

Aprendizagem é um processo consciente, cuja atenção está dirigida para a forma e correção de erros, típica dos contextos de sala de aula, como consequência de uma situação formal de estudos.

Krashen (1972) afirma que a aquisição é considerada o processo mais importante, pois só aqueles aspectos da língua que foram 'adquiridos' ficam disponíveis para a comunicação fluente. Entretanto, a aprendizagem não se transforma em aquisição;

- O monitor

O sistema adquirido é responsável pela fluência e julgamentos intuitivos sobre correção, assim o sistema aprendido age como um editor ou monitor, fazendo pequenas mudanças e aperfeiçoando o que o sistema adquirido produziu. Enfatiza-se que na aprendizagem, a interação exerce muita influência em contato com especialistas, pois os aprendizes melhoram suas formas lingüísticas, durante sua atividade comunicativa. O que indica que neste processo, o input se alimenta a si mesmo, já que a resposta lingüística (output) se transforma também em novo dado de entrada (input) e segundo as condições de uso, permite que o falante ponha em funcionamento seu conhecimento explícito, consciente, isto é, o monitor.

Para Krashen, toda produção lingüística rápida e aparentemente espontânea deve ser atribuída à aquisição.

- A ordem natural

Nós adquirimos as regras de uma língua numa seqüência previzível. Regras de formulação mais fácil (portanto mais fáceis de aprender) não são necessariamente as primeiras a serem adquiridas. Isto significa que a ordem natural independe da ordem em que as regras são ensinadas.

- O input

A única maneira de adquirir uma língua é através da recepção de input compreensível, por exemplo entendendo mensagens. Quando o input se realiza num nível um pouco acima do nível de competência do aprendiz, ocorre não só compreensão como aquisição. Em escritos mais recentes, Krashen admite que o input é condição necessária mas não suficiente para a aquisição de uma língua.

- O filtro afetivo

O 'filtro afetivo' é a barreira imaginária que impede o aprendiz de usar o input disponível. O termo 'afetivo' refere-se a motivos, necessidades, atitudes e estados mentais. Por esta razão, a aprendizagem depende dos objetivos e estratégias próprios de cada situação educativa.

Estabelece-se o seguinte parâmetro de referência :

Quadro 2: Processo de aprendizagem

INTAKE	→	percepção semântica e sintática
INTAKE	→	Integração Output (compreensão)

Na visão interacionista, as modificações no input dirigido ao aprendiz ou ao falante estrangeiro têm papel crucial no processo de aquisição da língua.

Michael Long (1985) concorda com Krashen quanto à necessidade do input compreensível, mas sua preocupação maior é a questão de como o input se torna compreensível.

Após uma abordagem psicológica e lingüística, faremos uma breve explanação sobre algumas teorias que explicam a aquisição fonética e

fonológica e seus processos fonológicos, mencionaremos apenas em três, cujo aporte teórico embasa esta pesquisa.

1.2. Modelos fonológicos

É de suma importância o estudo dos modelos fonológicos para que se tenha compreensão das correntes teóricas que tratam o componente sonoro, e por conseguinte, para o tratamento dos dados desta pesquisa. Entretanto, pretendemos apenas demonstrar que, principalmente, as que apresentam maiores impactos no que concerne o ponto de vista estudado.

1.2.1. Teoria Estruturalista

Nesta corrente fonêmica, os trabalhos mais destacados são do Círculo Lingüístico de Praga, cujos maiores expoentes são: Trubetzkoy (1939) e Jakobson (1967). Nesta teoria, os fonemas passam a ser interpretados como constituídos de um conjunto específico de propriedades.

Montenegro (2004, p.18), aponta que para o estruturalista,

a aquisição fonológica implicaria em uma sucessão regular e invariável de estágios de desenvolvimento, baseado numa hierarquia universal de leis estruturais. Estas leis são estabelecidas com base no estudo dos sistemas fonológicos de diversas línguas, além de considerar fatos relacionados aos estados de degeneração da língua.

Nesta teoria, entende-se que a aquisição universal parte da oposição entre dois segmentos e em seguida a criança adota uma ordem de aquisição que vai do mais simples ao mais complexo, regulada pelo conjunto hierárquico de leis naturais.

1.2.2. Teoria da fonologia natural

Segundo Silva (2005, p. 2001) a fonologia natural proposta por David Stamp (1980) consiste em buscar explicações para a natureza dos processos fonológicos e determinar as características das regras específicas das línguas naturais, os quais são inatos da capacidade humana para aprender a linguagem.

Esta teoria esta ancorada na noção de processo fonológico:

Uma operação mental que se aplica à fala para substituir, em lugar de uma classe de sons ou seqüência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica em todos os outros sentidos, porém desprovida da propriedade difícil. (STAMPE, 1973, p.1)

Esta teoria postula que os processos são considerados naturais, universais devido a capacidade inata de revelar limitações semelhantes, passíveis de acontecer com quaisquer indivíduos.

1.2.3. A fonologia gerativa padrão

Silva, (2005, p. 190) tece considerações sobre o modelo da teoria gerativa padrão, mencionando que é uma proposta de interpretação e análise da estrutura lingüística. A autora cita o trabalho de Chomsky (1965) Aspects of the theory of syntax, sendo o componente sintático o foco da análise lingüística dos processos transformacionais. Assim,

a fala é gerada a partir de transformações impostas a representações subjacentes pretendem espelhar o conhecimento lingüístico internalizado que o falante tem de sua língua. As representações subjacentes relacionam-se à competência lingüística opõem-se ao desempenho. O desempenho é formalizado pelas representações de superfície que pretendem refletir o comportamento empírico da língua a ser analisada. (SILVA, 2005, p.190)

No esquema a seguir, a teoria gerativa é explicada como o componente sonoro ou fonológico é compreendido como parte integrada e inter-relacionada à teoria da gramática.

Representação semântica

Componente semântico

Regras de estrutura frasal ↔ **Estrutura profunda** ↔ Léxico

Regras transformacionais

Estrutura superficial

Componente fonológico

Representação fonética

(Kenstowicz & Kissberth, 1979)

Com a gramática universal (GU), encontrou-se uma explicação natural para a existência de muitas propriedades comuns entre as línguas, embora cada uma delas tenha uma gramática própria e compreende fatos da aquisição da linguagem.

No livro intitulado *The sound pattern of English*, o modelo de Chomsky e Halle é aplicado à fonologia gerativa padrão, a qual, posteriormente seguiram-se também de livros teóricos e didáticos.

O componente fonológico da gramática possui níveis de representação : sintático, semântico e fonológico. Os processos fonológicos são formalizados por regras fonológicas.

Todo falante possui uma formação fonológica que congrega duas formas, diferentes das unidades lexicais, uma representação fonológica mais abstrata subjacente ao nível fonético que só contém informação não previsível (distintiva) e que estabelece relação dos sons com significados e uma representação fonética que indica como uma palavra é realizada, que isola as propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a realização e a decodificação do sinal da fala.(BISOL ,2005, P.15).

1.2.3.1. Traços distintivos

Conforme Matzenauer (2005, p. 17) "Traços distintivos são propriedades mínimas de caráter acústico ou articulatório, como "nasalidade", "sonoridade", "labialidade", "coronalidade", que, de forma coocorrente, constituem os sons da língua".

Para Chomsky e Halle (apud Bisol , 2005, p. 18) "os traços fonéticos constituem escalas físicas universais, ou seja, um conjunto fixo e restrito, independente de qualquer língua. Nesse sentido, pode-se concluir que a totalidade dos traços fonéticos representa as capacidades de produção de fala do aparato vocal humano.

Assim , alguns autores discutem a noção de traços distintivos:

Os traços distintivos são suscetíveis de alteração em função de certas circunstâncias da enunciação, criando-se assim dentro do conceito de fonema o de suas variantes ou alofones. Elas são: livres, quando dependem dos hábitos articulatorios um tanto diversos dos falantes da língua. (Exemplo: com /t/ nitidamente dental ou alveolar, com a ponta da língua tocando os alvéolos); posicionais quando dependem da posição do fonema na enunciação onde a contigüidade de certos outros fonemas ou a sua articulação.(MATTOSO CÂMARA ,1986, p. 118)

A matriz fonética do português é um dispositivo de tradução das transcrições fonéticas, na qual cada coluna fornece a representação fonética da palavra, com especificidade de valor de um determinado segmento, como positivo ou negativo, especificada em termos de traços distintivos.

Para estabelecer uma relação entre as teorias psicológica e lingüística, consideramos pertinente identificar na origem do espanhol e do português, possíveis justificativas para o processo de aprendizagem.

1.3. Semelhanças históricas

Desde a primeira metade do século XIX, busca-se a "protolíngua", um método de reconstrução comparativa ou uma gramática comparada. A partir da hipótese da relação entre as línguas e da regularidade, formulou-se, assim, a proposta do indo-europeu. Destarte, para compreendermos a relação entre as línguas portuguesa e espanhola, é necessário situá-las num breve contexto histórico.

O português e o espanhol, possuem um perfil semelhante em razão de sua mesma origem latina. Eram duas variedades dialetais, pertencendo a família de línguas românicas do tronco indo-europeu, por meio do itálico.

O castelhano consolidou-se, a partir do século XI, graças à Escola de Tradutores de Toledo, fundada por Afonso VI, em 1085, e impulsionada por Afonso X, o Sábio (1258-1284). Os textos árabes de Astronomia, Medicina e Filosofia foram traduzidos para o latim e para o românico castelhano.

O português é língua oficial e majoritária no Brasil, em Portugal e nas Ilhas Atlânticas da Madeira, dos Açores e de São Miguel. Na África, destaca-se Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Na Ásia, o português é falado em Macau, Damão, Diu Goa e na Oceania, e, também, é falado em Timor Leste.

O castelhano, com três dialetos (andaluz, asturiano e leonês); o catalão evoluiu por meio de variedades orientais e ocidentais; o galego, na Galiza. O espanhol e o português são duas línguas românicas que têm muito em comum, além de sua proximidade geográfica e de sua origem, o O espanhol é, com exceção do galego, que teve origem comum com o português, a língua que tem mais afinidade com o português. Neste estudo assinalaremos apenas alguns aspectos distintivos, do ponto de vista sincrônico, entre as duas línguas na atualidade. Veremos em primeiro lugar algo da comparação fonético-fonológica entre as duas línguas, assim como algumas diferenças morfológicas e lexicais que nos pareceram mais relevantes.

Segundo Masip, (2003, p.37) no período clássico (do século II a. C. ao I d. C.), as vogais latinas **a, e, i, o, u**, dividiam-se em longas e breves. Somente a partir da época imperial (do século I d.C. em diante) foram evoluindo até se transformar em abertas e fechadas, como no quadro 3. As vogais latinas longas e breves podem ser tônicas ou átonas. Uma vogal seguida de outra vogal é geralmente átona, deslocando a tonicidade à vogal anterior. Uma vogal seguida de duas consoantes é geralmente tônica: mag**i**ster (**m**estre, **m**aestro).

Quadro 3: Vogais latinas: origem das vogais portuguesas e espanholas

Vogais do latim clássico	Vogais do latim vulgar
a breve: <i>fāba</i> (fava, haba) →	→ ↓
a longo: <i>plātu</i> (prato, plato) →	→ a fechado: <i>faba, platu</i>
e breve: <i>dēce</i> (dez, diez) →	→ ε aberto: <i>dεce</i>
e longo: <i>acētū</i> (azedo, ácido) →	→ e fechado: <i>acetu</i>
i breve: <i>ī / i</i> (ele, él) →	→ ↓
i longo: <i>fī / u</i> (fio, hilo) →	→ i fechado: <i>ille, filu</i>
o breve: <i>rōta</i> (roda, rueda) →	→ o aberto: <i>rota</i>
o longo: <i>flōre</i> (flor) →	→ o fechado: <i>flore</i>
u breve: <i>lŭpu</i> (lobo) →	→ ↓
u longo: <i>acūtu</i> (agudo) →	→ u fechado: <i>lupu, acutu</i>

Coutinho (1976, 142-143) conceitua os metaplasmos como modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Masip (2003, p.69) corrobora essa premissa, explicando que as numerosas mudanças que o português e o espanhol experimentaram durante o processo de consolidação, ocorreu por influência de várias línguas, especialmente do latim. Assim, o autor condensa as mudanças em decorrência de vários fenômenos:

- A analogia ou influência de umas palavras sobre outras por causa do significado, da forma, da função ou da acentuação;
- O princípio da economia lingüística: os falantes de uma língua procuram comunicar-se empregando o esforço que for preciso para garantir a comunicação.
- A estrutura CV (consoante-vogal): português e espanhol herdaram do latim a estrutura silábica: as consoantes precedem o núcleo vocálico. As sílabas robustas e permanentes são constituídas por consoante + vogal, especialmente quando iniciam palavra. Aquelas que começam por vogal ou que terminam por consoante costumam ser frágeis: desaparecem ou sofrem transformações profundas.

- A tonicidade das palavras-base permanece nos vocábulos derivados.
- As derivações cultas, ou cultismos afastam-se menos das palavras-base do que as populares.
- O aparecimento constante dos sons [e], [j] ou [i] em numerosos processos de transformação fonética é o que os lingüistas chamam de yod.⁷

Assim, faremos uma descrição resumida dos metaplasmos, a partir de Masip, (2003, p. 70-72) proposta de forma sistematizada:

Permuta: Substituição de um som por outro, normalmente pela lei do menor esforço ou princípio da economia lingüística.

Fenômeno	Descrição	Exemplos
Sonorização	Consoante surda se torna sonora	Lupu (lobo); latrone (ladrão, ladrón)
Vocalização (só em português)	Troca das consoantes antes de c, p, l por i, u	Octo (oito, ocho); conceptu (conceito, concepto); multu (muito, mucho)
Consonantização	Substituição de i por j	Hierusalem (Jerusalem, Jerusalén)
Assimilação	Substituição de um som por outro semelhante, anterior ou posterior.	Directu (direito, derecho > derecho
Dissimilação	Diversificam-se dois sons iguais.	Horologio (relógio, reloj)
Apofonia	Substituição de uma vogal por outra devido ao prefixo.	In amicu (inimigo, enemigo)

⁷Segundo Masip (2003, p.72) "ao observarmos a produção fonética das vogais, percebemos que os sons [i] e [u] são os que mais se parecem com as consoantes, pois, ao emití-los, o dorso da língua se aproxima do palato (no caso do [i]) e do véu do palato (no caso de [u]).

Queda: Eliminação de sons

Fenômeno	Descrição	Exemplos
Aférese	No início de um vocábulo	Horol <u>o</u> gio (relógio, reloj)
Síncope	No meio da palavra	Legale (leal)
Apócope	No fim da palavra	Totale (total)
Sinalefa	No fim da palavra	de+o=do;de+el=del
Haplologia	Uma sílaba inteira desaparece no meio da palavra.	Digitu (dedo)

Contração

Fenômeno	Descrição	Exemplos
Contração ou crase	fusão de dois sons vocálicos em um	Pede(pee > pé (só em português), piel

Acréscimo

Fenômeno	Descrição	Exemplos
Prótese	No começo de um vocábulo	scribere (escrever, escribir)
Epêntese	No meio de um vocábulo	Stella (estrela, estrella)
Paragoge	No fim de um vocábulo(comum em anglicismos	Club (clube)
Alargamento	Desdobramento de sons simples	Sto (estou, estoy)

Transformação (Só acontece em Português)

Fenômeno	Descrição	Exemplos
Nasalização	Nasalisa-se um som oral	Mihi > mi > mim
Desnasalização	Um som nasalizado torna-se oral.	bona >bõa

Transposição – deslocamento de um som ou de um acento.

Fenômeno	Descrição	Exemplos
Metátese	Deslocamento de um som dentro de uma mesma sílaba.	super (sobre); inter (entre)
Hipérese	Deslocamento de um som de uma sílaba para outra na mesma palavra.	Rabia > ravia > raiva
Sístole	Deslocamento do acento para a sílaba anterior	Amabamus (amavámus, amabámus)
Díastole	Deslocamento do acento para a sílaba posterior	Integro (inteiro, entero)

Embora se saiba das variedades do idioma espanhol e do português⁸, utilizaremos para este estudo a língua padrão, sem determinar as variações de cada idioma. Assim, língua estándar ou geral é

modelo lingüístico que cumpre uma série de requisitos (reunir as ferramentas descritivas e de uso para a produção e compreensão de qualquer enunciado, ser estável, acessível para seus falantes, contar com uma tradição....) Os elementos lingüísticos que o constituem deve ser troncais ou comuns a seus falantes \9 \principio de comunidade) e com um grau de independencia mais ou menos alto de contextos específicos. (ANDION HERRERO, 2008, P. 145).

Considerando alguns aspectos psíquicos que interagem para aprendizagem/aquisição da LE, nas seções seguintes serão abordadas questões da Fonética e Fonologia.

1.4. Princípios fonéticos e fonológicos

⁸ O espanhol e o português possuem uma variação lingüística, devido a grande quantidade de falantes bem como sua extensão territorial, por isso, neste trabalho optamos pelo conceito *língua padrão*.

A Fonética e a fonologia como disciplinas diferentes operam com seus próprios métodos, porém, elas se condicionam mutuamente em seu valor e desenvolvimento. Elas estudam os sons da fala, relacionando-os, sendo a fonologia uma ciência explicativa e interpretativa por meio da descrição fonética, em função dos sistemas de sons da língua e dos modelos teóricos disponíveis.

A Fonética é o estudo da produção do som, do ponto de vista fisiológico e articulatorio. Tendo por seu objetivo fornecer um instrumental que permita a descrição e classificação dos sons do português brasileiro, bem como, do espanhol. Portanto, a ênfase será na caracterização dos segmentos vocálicos e consonânticos que ocorrem em ambas as línguas.

Por sua vez, a fonologia estabelece os princípios que regulam a estrutura sonora das línguas, caracterizando, as seqüências de sons permitidas e excluídas das línguas investigadas. (SILVA, 2005,).

Fonologia (do Grego *phonos* = voz/som e *logos* = palavra/estudo) é o ramo da Linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma.

Enquanto a Fonética estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala (chamados de fonos), a Fonologia preocupa-se com a maneira como eles se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados, chamadas fonemas

Os estudos da linguagem, na sua origem, identificaram dois elementos que a compõem: língua e fala. Desta forma, se delimitou que a fonética, como a ciência dos sons da fala, e fonologia, como a ciência dos sons da língua.

Para os signos, estabeleceu-se a existência de um significante e um significado, tanto para a língua como para a fala. As características de cada um podem ser resumidas da seguinte forma:

Quadro 3: Características da língua e fala, quanto a significante e significado.

Extraído do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonologia>

	Fala	Língua
Significante	Corrente sonora concreta –	Regras que ordenam a face

	fenômeno físico perceptível ao ouvido	fônica do ato da fala
	Movimentos articulatorios e sons resultantes ilimitados	Normas fônicas limitadas e finitas
	Corrente fônica de movimentos sonoros ininterruptos e sem ordem	As unidades formam um sistema ordenado
Significado	Comunicação inteiramente concreta	Regras abstratas sintáticas, fraseológicas, morfológicas, lexicais
	Número de representações ilimitado	Número limitado de possibilidades

1.4.1. Diferenças fônicas entre o português e o espanhol

A fonologia pesquisa quais as diferenças fônicas estão ligadas numa determinada língua, e como os elementos de diferenciação podem se combinar, por isso estudam os aspectos invariáveis da língua.

Segundo o Dicionário de Lingüística e Gramática, o fonema é o

Conjunto de articulações dos órgãos fonadores, cujo efeito acústico, estrutura as formas lingüísticas e constitui numa enunciação, o mínimo segmento distinto (v. articulação). Os fonemas de uma língua não correspondem necessariamente as letras da grafia usual e é só em transcrição fonética ficam a nossos olhos rigorosa e sistematicamente indicados. Como segmento mínimo da fonação, o fonema é uma subdivisão da sílaba. (CÂMARA JR, 1986, p. 118).

Em continuidade ao conceito de fonema, Ducrot (1998, p. 166) conceitua no Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem, fonema como um segmento fônico que:

(a) possui função distintiva,

(b) é impossível de decompor numa sucessão de segmentos, tendo cada um dos quais tal função,

(c) só é definido pelos caracteres que, nele, têm valor distintivo, caracteres que os fonólogos denominam pertinentes.

Então, observemos um exemplo, em espanhol: o segmento fônico, representado na ortografia por *ch*, é composto de dois sons distintos; mas como o *s* aparece em espanhol somente após o *t*, o *t* de *ts* não tem função distintiva e, em virtude de (b), o grupo fônico espanhol *ts* constitui um único fonema.

Os estudos da fonética remontam aos estudos da linguagem humana, considerando que a emissão vocal é um contínuo, em seu nível acústico ou articulatório. O conceito de fonema foi cunhado por Baudouin de Courtenay ⁹(1845-1929) e estudado por Ferdinand de Saussure (1859-1913), e desenvolvido pelo lingüista norte-americano Edward Sapir (1884-1939).

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 23), o fonema é um som vocal elementar da comunicação lingüística, com um pequeno número de propriedades articulatórias e acústicas, ou traços e não todo o conjunto da emissão fônica. Esses traços, ditos distintivos, são os que servem para distinguir numa língua dada uns sons vocais elementares dos outros. Com isso, cada fonema, ou seja, cada conjunto de certos traços distintivos, opõe entre si as formas da língua, que o possuem, em face de outras formas, que não o possuem, ou possuem em seu lugar outro fonema; por exemplo, em português: *ala, vala, vela, vê-la, vila; saco, soco (tamanco), soco, suco; pelas, belas, melas, telas, delas, nelas, selas, zelas, Chelas* (nome de um convento em Portugal), *gelas, velas, velhas; vala fal; amo, ano, anho* (sinônimo de *carneiro*); e assim por diante.

Por esta razão, Jakobson (1962, p. 231) define o fonema como propriedades fônicas concorrentes, que usam numa dada língua para distinguir

⁹ Jan Ignaci Baudouin de Courtenay foi um pesquisador polonês , professor de Lingüística na Universidade de San Petersburg, empregou por primeira vez o termo fonema, distinguindo-o de som. Os sons constituem emissões ou articulações desprovidas de significação e devem ser estudadas pela Fonética. Os fonemas, porém, são sons inteligíveis, objeto, portanto, de um estudo lingüístico formal. (MASIP, 2001, p.55).

vocábulos de significação diferente e constitui numa enunciação o mínimo segmento distintivo.

Entretanto, conforme o Dicionário de Lingüística e Gramática (1996) se considera fonema "conjunto de articulações dos órgãos fonadores, cujo efeito acústico estrutura as formas lingüísticas".

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama acento, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos. (MATTOSO CAMARA JR., 1970, p. 31).

Em Português, o conceito de vogal coincide com o de silábico de Bloomfield (VI-120 -121), e podemos manter-nos na interpretação grega de serem as vogais os elementos fônicos suscetíveis de funcionais sóis (Gr. Phōnéenta).

No quadro de fonemas vocálicos, há 9 elementos, sendo 7 silábicos e 2 assilábicos. Os traços distintivos são a localização articulatória, o abrimento bucal e o arredondamento ou não-arredondamento dos lábios.

Metafonia é um fenómeno fonético e fonológico que consiste na alteração do timbre de uma vogal tônica por influência de vogais próximas. Este é um fenómeno existente no galego-português, mas está também presente em outras línguas como o italiano, por exemplo.

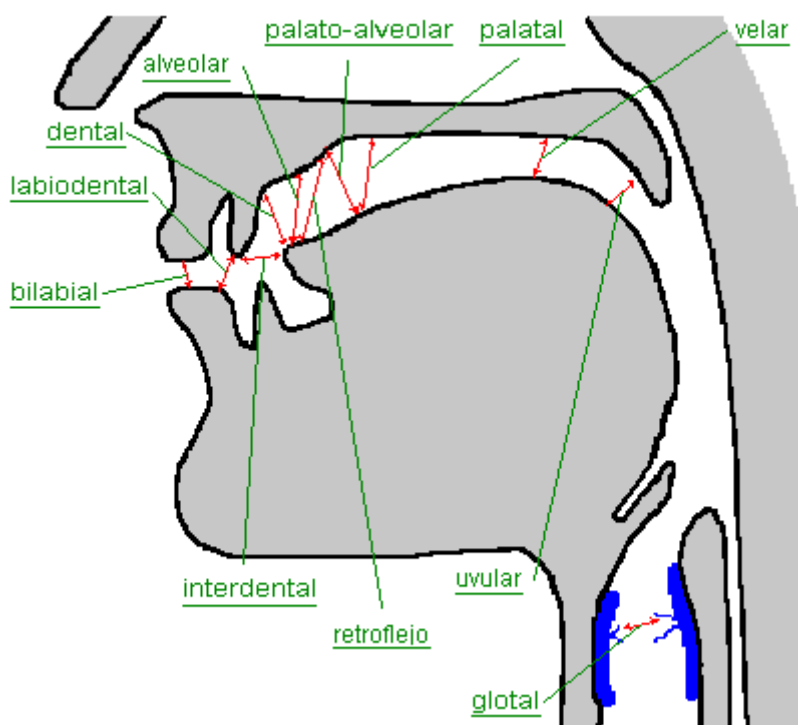
Um exemplo de metafonia no galego e no português é a elevação da vogal tônica semi-aberta para uma vogal semi-fechada, por influência de uma vogal final fechada. Por exemplo, a palavra *porcu* que em latim era pronunciada com o breve (ö) deveria ter dado em português *porco* com ó tônico aberto, mas por influência do *u* final passou a ser pronunciado *porco* com ô fechado. As palavras em latim - *porcos*, *porcam*, *porcas* - evoluíram regularmente para *porcos*, *porca*, *porcas*, todas com ó aberto.

Observa-se o parâmetro fonético-fonológico que contempla a área ou zona bucal onde se produzem alguns fonemas: entre os lábios (bilabiais); entre o lábio inferior e os dentes incisivos inferiores (labiodentais); entre o ápice da língua e os dentes incisivos superiores (linguodentais); entre os dentes incisivos superiores e inferiores (interdentais); entre o ápice da língua e os

alvéolos dentais superiores (alveolares); entre o dorso da língua e o palato (palatais) e entre o dorso da língua e o lado interno do véu do palato (velares) (MASIP, 2001, P.191).

Quanto ao modo de articulação, esse constitui um parâmetro que contempla a maneira como se produzem os fonemas: (mediante a interrupção da passagem do ar oclusiva); por atrito ou fricção (fricativos); por meio da abertura do véu do palato (nasais); pela pressão da língua contra o arco dental superior (laterais) e mediante o toque único ou múltiplo dos alvéolos dentais superiores pelo ápice da língua (vibrantes) (MASIP, 2001, P.188).

Figura 1. Zonas de articulação do espanhol



Os quadros a seguir, possibilitam estabelecer uma compreensão do contraste existente entre o português e o espanhol nos níveis fonológicos e ortográfico, a fim de esclarecer os contextos em que se encontra cada fonema.

Quadro 5: Contrastes fonológicos e ortográficos do português

FONEMAS	EXEMPLOS	GRAFEMAS	ALFABETO
/i / PI Alt Ant	pise York	i, e y	i/I (9) - e/E (5) -
/e / PI Md/Alt Ant	peso	e	5
/ɛ / PI Md/Bx Ant	pesa	e	5
/a / VI Bx Cent	passa	a	a/A (1)
/ɔ / VI Md/Bx Post	posso	o	o/O (14)
/o / VI Md/Alt Post	poço	o	14
/u / VI Alt Post	pulso arguir Williams	u, o ü w	u/U (20)-O/o (14) 20 -
/p / Oc BI Sr	pêlo	p	p/P - pê (15)
/b / Oc BI Sn	bola	b	b/B - bê (2)
/t / Oc Ln Sr	toldo	t	t/T - tê (19)
/d / Oc Ln Sn	dia	d	d/D - dê (4)
/k / Oc VI Sr	casa queijo táxi Kafka	c q, qu x k	c/C - cê (3) q/Q - quê (16) x/X - xis (22) -
/g / Oc VI Sn	gato guerra	g gu	g/G - gê (7) g (7) + u (20)
/f / Fr Lb Sr	fase	f	f/F - efe (6)
/v / Fr Lb Sn	vaca Wagner	v w	v/V - vê (21) -
/s / Fr AI Sr	sogra cassado cinema caçapa exsudar consciencia máximo desça excede feliz	s ss c ç xs sc x sç xc z	s/S - esse (18) s (18) + s (18) 3 3 x (22) + s (18) s (18) + c (3) 22 s (18) + c (3) x (22) + c (3) 23
/z / Fr AI Sn	caça zebra exame	s z x	18 z/Z - zê (23) 22
/ʃ / Fr PI Sr	chão xícara	h, ch x	c (3) + h (8) 22
/ʒ / Fr PI Sn	jogo gente	j g	j/J - jota (10) 7
/m / Ns BI Sn	mãe	m	m/M - eme (12)
/n / Ns AI Sn	nada	n	n/N - ene (13)
/ɲ / Ns PI Sn	lenha	nh	n (13) + h (8)
/l / Lt AI Sn	lado	l	//L - ele (11)
/λ / Lt PI Sn	calha	lh	l (11) + h (8)
/r / Vb AI Sn	para	r	r/R erre (17)
/R / Vb VI Sn	roda parreira	r rr	17 r (17) + r (17)

Fonte: MASIP (2001) Nota: Os números entre parênteses correspondem a ordem alfabética.

Quadro 6: Contrastes fonológicos e ortográficos em espanhol

FONEMAS	EXEMPLOS	GRAFEMAS	ALFABETO
/i/ PI Alt Ant	pise York	i, e y	i/I (9) - e/E (5) -
/e/ PI Md/Alt Ant	peso	e	5
/ɛ/ PI Md/Bx Ant	pesa	e	5
/a/ VI Bx Cent	passa	a	a/A (1)
/ɔ/ VI Md/Bx Post	posso	o	o/O (14)
/o/ VI Md/Alt Post	poço	o	14
/u/ VI Alt Post	pulso arguir Williams	u, o ü w	u/U (20)-O/o (14) 20 -
/p/ Oc BI Sr	pêlo	p	p/P - pê (15)
/b/ Oc BI Sn	bola	b	b/B - bê (2)
/t/ Oc Ln Sr	toldo	t	t/T - tê (19)
/d/ Oc Ln Sn	dia	d	d/D - dê (4)
/k/ Oc VI Sr	casa queijo táxi Kafka	c q, qu x k	c/C - cê (3) q/Q - quê (16) x/X - xis (22) -
/g/ Oc VI Sn	gato guerra	g gu	g/G - gê (7) g (7) + u (20)
/f/ Fr Lb Sr	fase	f	f/F - efe (6)
/v/ Fr Lb Sn	vaca Wagner	v w	v/V - vê (21) -
/s/ Fr AI Sr	sogra cassado cinema caçapa exsudar consciencia máximo desça excede feliz	s ss c ç xs sc x sç xc z	s/S - esse (18) s (18) + s (18) 3 3 x (22) + s (18) s (18) + c (3) 22 s (18) + c (3) x (22) + c (3) 23
/z/ Fr AI Sn	caça zebra exame	s z x	18 z/Z - zê (23) 22
/ʃ/ Fr PI Sr	chão xícara	h, ch x	c (3) + h (8) 22
/ʒ/ Fr PI Sn	jogo gente	j g	j/J - jota (10) 7
/m/ Ns BI Sn	mãe	m	m/M - eme (12)
/n/ Ns AI Sn	nada	n	n/N - ene (13)
/ɲ/ Ns PI Sn	lenha	nh	n (13) + h (8)
/l/ Lt AI Sn	lado	l	//L - ele (11)
/λ/ Lt PI Sn	calha	lh	l (11) + h (8)
/r/ Vb AI Sn	para	r	r/R erre (17)
/R/ Vb VI Sn	roda parreira	r rr	17 r (17) + r (17)

Fonte: MASIP (2001) Nota: Os números entre parênteses correspondem a ordem alfabética.

1.4.2. : Sistema vocálico do espanhol

Quadro 7: Sistema vocálico do espanhol¹⁰

Fonologia	Fonética	Ortografia	
Fonema	Sons	Letras	Exemplos
i	I fechado I abierto I nasalizado Jsemiconsonántico I consonántico	I, y I I I I, y	Pisa, y, Candido Vil, Víctor, virgen, hijo, risa mimo, himno nieva, viene, baile, voy, rey
e	e fechado e aberto e nasalizado	e	mesa, cese reja, perro, acelga heno, menos
a	a meio palatal a velar ã nasalizado	a	Casa, paradero Alto, rato, barro, ajo Año, maño
o	O fechado O aberto O nasalizado	o	Sobre, zozobrar Ojo, rojo, horror, Olga Once, mono
u	U fechado U aberto U nasalizado W semiconsoante U semi vocal	U U U U, ü, W u	Que, guitarra Puro, subir Muge, rudo, zurra, ultra Uno, inmune Igual, argüir, Williams

O inventário fonêmico do espanhol, portanto, tem cinco vocais em qualquer posição. /i/ ira, /e/ mesa, /a/ masa, /o/ hora, / u / uso, diferentemente do português que o quadro de vogais depende da tonicidade.

Levando em consideração o interesse e importância dos estudos fonéticos e fonológicos para a Lingüística Aplicada, Masip (2001) , Bisol (2005) e Silva (2005) serão os expoentes que discutem os marcos teóricos e suas implicações na análise contrastiva no processo de ensino – aprendizagem. Desta forma, salienta-se que:

Todo falante possui uma informação fonológica que congrega duas formas diferentes das unidades lexicais de sua língua: uma representação fonológica, mais abstrata, subjacente ao nível fonético, que só contém informação não-previsível (distintiva), e que estabelece a relação dos sons com significado, e uma representação fonética, que indica como a palavra é realizada, que isola as propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a realização e a decodificação do sinal da fala. (BISOL,2005, p. 17).

Conforme o quadro 8, de Masip (2003), foram descritos os fonemas comuns, importantes para se apresentar aos aprendizes as diferenças.

¹¹Quadro 8. Fonemas comuns ao espanhol e ao português (Masip ,2003, p.21)

Fonemas espanhóis	Fonemas comuns ao espanhol e ao português			Fonemas portugueses
	Fonemas	Exemplos espanhóis	Exemplos portugueses	Fonemas e exemplos
/ θ / cena, zapato	/ i /	piso	Piso, verde	/ ɛ / festa
/ y / yeso	/ e /	pera	pêra	/ ɐ / hora
/ x / jamás, gente	/ a /	casa	casa	/ cantamos / cantamos*
/ tʃ / muchacho	/ o /	sopa	sopa	/ v / vida
/ r / red, perro	/ u /	Muro, Walter	muro	/ z / zebra
	/ p /	puerta	porta	/ ʃ / chá, xícara
	/ b /	balón, vida, Walfido	bola	/ ʒ / jogo, gente
	/ t /	tela	tela	/ R / rede, gorra
	/ k /	casa, queso, kilo Vich, tax[ks]i	Casa, queijo, tax[ks]i	
	/ g /	ganado	gado	
	/ f /	fiesta	festa	
	/ s /	Sed, extenso,	Sino, peça, passa, desça, excede, paz,	

¹¹ As fontes que utilizamos para as transcrições realizadas foram extraídas do alfabeto adotado pela Associação Internacional de Fonética (IPA). (Cf. anexo 6)

			exsudar, máximo, cede, consciência, tax[ks]i	
	/m/	mano	mão	
	/n/	nada	nada	
	/ɲ/	uña	unha	
	/l/	lado	lado	
	/ʎ/	calla	calha	
	/r/	para	para	

Desta forma, o espanhol e o português apresentam um sistema vocálico triangular, embora com diferenças significativas sendo do ponto de vista fonológico, uma vogal como núcleo silábico e do ponto de vista fonético, uma emissão sem obstáculos.

Nota-se que no aprendiz brasileiro de Espanhol, na aquisição dos fonemas de uma segunda língua, devido à proximidade pode facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem. Por esta razão, considera-se de suma importância consciência fonológica¹² e uso de estratégias para sua superação.

1.4. Considerações sobre o sistema vocálico do Português

No Português Brasileiro, existe um grande número de regras fonológicas, que atuam sobre o sistema vocálico, tanto por razões prosódicas, fonotáticas quanto por razões morfológicas. As maiores incidências de alterações são nas vogais médias e nas altas.

Câmara Jr. (1970, p. 31) apresenta as vogais do Português como um sistema triangular, em cujo vértice mais baixo está a vogal "a". A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau, vogais

¹² Consciência fonológica é a capacidade que o ser humano possui de "refletir conscientemente sobre os sons da fala." (LAMPRECHT et al., 2004, p.179)

médias de 2º grau e vogais altas. Há, assim, sete vogais (partindo-se da posição tônica), que se reduzem a 5 (com uma variante posicional ã) diante de consoante nasal na sílaba seguinte, conforme está ilustrado nos quadros 6 e 7.

Quadro 9. Classificação articulatória das vogais

altas	u			i	
médias		ô		ê	2º grau
médias			ó	é	1º grau
baixa			a		
	posteriores		central		anteriores

No contexto de sílaba tônica, os sons vocálicos criam oposições do tipo saco, seco, sEco, soco, sico, silo, suco. Contudo, quando a sílaba tônica for imediatamente seguida por uma consoante nasal, desaparece a oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus, ocorrendo apenas as médias de 2º grau, como se demonstra no quadro 10.

Ex. Lenda, conto, mas não lEnda, conto.

Quadro 10: Vogais em posição tônica diante de nasal (Câmara Jr., 1970, p. 33)

altas		i		u
médias		e		o
baixa			a	
	anteriores		central	posteriores

Em posições átonas, ocorrem processos de neutralização. A neutralização é um conceito da fonologia de Praga, com a perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica. Ex: café ~ cafeteira, bElo ~ beleza, sol ~solaço.

Assim, o traço distintivo que separa duas unidades e e E, assim como o e O, é perdido na posição pretônica. O sistema de vogais em posição pretônica compreende, pois, cinco vogais. Em forma, termos, ocorre neutralização entre as vogais médias de 2º grau. O quadro, desta forma, é semelhante àquele existente em posição tônica, seguida por consoante nasal.

Constata-se, na posição pretônica, conforme quadro 11, que além da neutralização das vogais médias de 1º e 2º graus – que acarreta a perda das

vogais E e O bElo / beleza – pólo / polar, a harmonia vocálica, através da qual as vogais médias pretônicas, assimilam a altura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte.

Exs.: pepino ~pipino, coruja ~curuja. A assimilação, então, pode ser entendida como o processo através do qual um segmento assume um ou mais traços de um segmento vizinho.

Quadro 11. Vogais em posição pretônica (Câmara Jr., 1970, p.34)

altas	i		u
médias		e	o
baixa		a	
	anterior	central	posterior

Por sua vez, a fonologia estabelece os princípios que regulam a estrutura sonora das línguas, caracterizando, as seqüências de sons permitidas e excluídas das línguas investigadas. (SILVA, 2005).

Para tanto, é necessário considerar alguns conceitos relacionados com a sílaba.

A sílaba, Silva (2005, p. 76) “a interpreta como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força.

A sílaba se estrutura em três partes: A primeira, constituída obrigatoriamente por um pico ou núcleo, que pode ser uma vogal, acentuada ou não. E as demais partes são a estrutura periférica de intensificação de força e redução de força, inclusive geralmente são preenchidas por segmentos consonantais (de uma ou mais consoantes).

Quanto à tonicidade, vogais acentuadas ou tônicas carregam o acento mais forte ou acento primário e as vogais não-acentuadas - átonas pretônicas e postônicas – carregam acento secundário ou a são insentas de acento.

Os sons, portanto, tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram. Interpretando-se a fala como um contínuo, observamos que os sons sofrem alterações dependendo do ambiente ou contexto, considerando o que o precede ou segue em determinado segmento consonantal ou vocálico. Cristófar (2005, p. 120) sinaliza que os ambientes ou contextos que mais frequentemente causam alteração na cadeia sonora são:

- 1) Ambientes ou contextos propícios à modificação de segmentos:
 - a) Sons vizinhos (precedentes ou vizinhos)
 - b) Fronteiras de sílabas, morfemas, palavras e sentenças;
 - c) Oposição de sons em relação ao acento

No modelo de análise do Português Brasileiro, segundo a proposta de Mattoso Câmara (1972), assume-se que as estruturas das línguas são uniformes e, portanto, os procedimentos metodológicos adotados serão adequados à análise de qualquer língua.

Diante das diferenças apresentadas, consideramos relevante apresentar o conceito de interlíngua bem como as hipóteses e os níveis de aprendizagem na trajetória da LM para E/LE.

1.5. Interlíngua

Segundo Schumann (apud Yokota, 2005, pág. 16), os estudos sobre interlíngua e a aquisição/ aprendizagem de L2 inserem-se nos estudos sociolingüísticos, destacando-se três estudos que são relevantes para este campo de estudo:

1. Considera-se que a língua simplificada e reduzida, restrita também quanto a sua função, pode ser o resultado da distância social e/ou psicológica entre o falante e o ouvinte.
2. Há uma pidginização na aquisição de L2, uma vez que as L2, nos seus níveis iniciais, demonstram traços das línguas pidgin, como a falta de morfologia flexiva e transformações, cuja explicação pode ser a falta de solidariedade social e psicológica.
3. Características que são comuns às línguas em contato (pidgin e L2) e as variedades de línguas incompletas (L1 e linguagem de afásicos) parecem ser um reflexo dos processos cognitivos universais que subjazem à capacidade lingüística.

Para se compreender os fenômenos do abaixamento, elevação e manutenção é necessário buscar os parâmetros envolvidos na articulação dos segmentos vocálicos e consonantais na sua estrutura silábica.

A neutralização é o resultado extremo da variação da posição, como em português a distinção entre /s/ : /z/ = /s'/ : /z'/ em posição final diante de pausa. (Exemplo: pus, luz, flux têm uma mesma consoante final, que na pronúncia mais geral luso-brasileira é um [s'] atenuado em seu chiamento). A neutralização deve ser distinguida cuidadosamente do debordamento¹³, que é o emprego facultativo de um fonema em lugar de outro em determinada forma da língua, como em português, em muitas formas a substituição de /e:/ por /i/ ou de /o:/ por /u/ quando pretônicos (ex./minimo/ ou / menino/ ou /korúz'a/ para coruja. (CAMARA JR., 1986, p,119)

Sendo a fala um *continuum*, estabelecem-se conceitos de que a língua falada e escrita tem características peculiares, idiossincráticas, e que o fenômeno que pretendemos descrever, não corresponde a LM nem a LE, e sim uma interlíngua(IL).

O termo interlíngua foi cunhado por Selinker em 1972, para designar as gramáticas construídas pelos aprendizes de L2 a caminho da língua-alvo. Esse autor as compreende como uma etapa obrigatória da aprendizagem, definida como “um sistema lingüístico, interiorizado que evolui, tornando-se cada vez mais complexo o pleno domínio da LE” (Selinker, 1991). Assim temos o conceito:

A interlíngua inicial é resultante das identificações interlingüísticas, processadas na mente do aprendiz e contato com input em L2. Com base na distância tipológica entre sua L1 e a L2, que esse aprendiz identifica na L2 nos níveis semântico, morfo-sintático, lexical e fonológico, encontra traços que são semelhantes a traços de L1 e os equaciona como iguais, fazendo surgir a interlíngua inicial.

Desta forma, a interlíngua constitui uma linguagem autônoma da qual o aluno se serve para alcançar seus objetivos comunicativos, sob os aspectos da sistematicidade e variabilidade, formula suas hipóteses. Assim, considera os processos psicolingüísticos, o aparato cognitivo, destacando o conhecimento prévio e suas estratégias de aprendizagem. É produto de cinco processos cognitivos:

- Transferência lingüística de L1

¹³ Segundo o dicionário Aurélio (1999, p. 608) debordamento: Numa forma lingüística, substituição de um fonema por outro que com ele faz par opositivo, criando, assim uma flutuação na escolha de um outro fonema. É o caso de /u/ e /o/ na pronúncia de [vuar] e [voar] (cf. Biunivocidade).

- Transferência de treinamento
- Estratégias de aprendizagem
- Estratégias de comunicação em L2
- Hipergeneralização

1.5.1. Níveis da interlíngua

Evidenciam-se algumas dificuldades pelo fato de que alguns elementos destes grupos se sobrepõem, baseado nestes dados, considera-se a interlíngua no nível inicial. Assim sendo, não serão abordados os níveis intermediário e a fossilização.

Outrossim, teceremos algumas reflexões acerca das idéias de renomados autores que tratam desta temática. Durante o processo de aprendizagem, os alunos utilizam diferentes estratégias que são individuais e coletivas. Há algumas coisas em comum, por exemplo, o erro por questões de simplificação e generalização.

Mas, dois aspectos relevantes devem ser considerados na interlíngua:

- A) erros interlinguais : são aqueles que refletem a interferência da LM na produção oral ou escrita.
- B) Quando o aprendiz não faz distinção lexical na LM em relação à LE.

Corder (1981), defende a posição de que a fonte de interlíngua inicial não é a L1, e sim o conhecimento pleno que o aprendiz adulto detêm de sua L1. Assim, as interlínguas subseqüentes, são componentes de um *continuum* em direção a L2, resultante de um processo de complexificação.

Desta forma, a semelhança entre as duas línguas implica alguns obstáculos ao processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que, para compreendê-la efetivamente, é necessário um maior empenho nos aspectos fonológicos, diminuindo o atrito que interferem na produção lingüística.

Para Ellis (1982), a interlíngua inicial é de natureza sociocognitiva e a desenvolve por meio de quatro hipóteses:

Primeira hipótese: O aprendiz de L2 utiliza seu conhecimento de contexto e organização conceitual dos eventos e simplifica em situação de fala,

na L2, a representação dos mesmos, de acordo com princípios de informatividade. Enfim, é uma estratégia de simplificação, mediante interação com seus interlocutores, relacionando os significados “dados” e “novos” e os codifica na L2.

Segunda e terceira Hipótese: O aprendiz de L2 sabe que as línguas são sintáticas. Por isso, opera com o pressuposto de que a ordem das palavras é imbuída de significado, uma vez que isso é também verdadeiro em relação a sua L1.

Portanto, no momento em que, os aprendizes estão ativamente construindo um sistema lingüístico para uma segunda língua (L2), não se pode esperar que todos os erros e estratégias praticadas, sejam os resultados de transferências de dados e/ou das regras provenientes de primeira língua. Destes *erros*, que representa o produto de aprendizagem, é possível tomar conhecimento do processo de aquisição/aprendizagem, ocorrendo pela generalização ou simplificação no processo.

Quarta hipótese: O aprendiz de L2 utiliza sua capacidade de aprender, armazenar e reproduzir informação verbal para procurar “fórmulas” que serão comunicativamente úteis para ele, bem como, expressões fixas e estereotipadas que ele identifica no ‘output’ de seus interlocutores.

Cabe ressaltar que tais diferenças também contribuem para que a língua materna possa ter interferência na sua estrutura lingüística, em relação ao uso e consciência fonêmica encontradas entre as línguas.

A partir destas dificuldades encontradas, é necessário refletir sobre a busca de formas de intervenção pedagógica possíveis para superação e efetivação de um direito lingüístico tão relevante.

1.6. Sugestões para superação das dificuldades alusivas às vogais:

Para minimizar as interferências do português e contribuir com o ensino de E/LE, propomos sugestões de superação, conforme orientações de Masip (2001, p.29-31;38-39).

Considerando as realizações fonéticas apresentadas abaixo, identificam-se algumas dificuldades fonéticas diante dos sons que realizam /e/ e / o/:

VOGAIS			
Fonologia	Fonética	Letras	Ortografia
Fonema	Som		Exemplos
/ e /	[e] fechado	e	mesa, cese
	[e] aberto		perro
	[e] nasalizado		menos
/ o /	[o] fechado	o	sobre, ojo, rojo, horror
	[o] aberto		Olga
	[õ] nasalizado		Once,

Primeira: Tende a emitir o som [e] como [ɛ] em sílaba tônica. Por exemplo, pronuncia-se [ɛ] res em lugar de [e] res.

Superação: Pronunciar todas as e do espanhol, como nas seguintes palavras portuguesas: pêra, mesa, peso.

Segunda: Nasaliza muito o som [e] diante de [m], [n], [ɲ], se estas estão na mesma sílaba: (c[e:]so, censo; t[ie:]pó, tiempo) como na sílaba seguinte (c[e:]na, cena; p[e:]ña, peña).

Superação: Nos casos de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, fechar os lábios quando se trate de [m] (tiempo), ou apoiar o ápice da língua onde convenha, no caso de [n] (mente, censo, trenza). Quando se trate de consoante nasal posterior na sílaba seguinte, introduzir uma brevíssima pausa (ce-na, pe-ña).

Terceira: Tende a emitir de modo muito fraco, o som [e] como [i], em sílaba átona final de palavras, esteja seguida ou não de consoante: verd[i], verd[i]s, sufr[i], sufr[i]s (verde, verdes, sufre, sufres).

Superação: Emitir o som espanhol [e] levemente acentuado: verde, subes, corte, vuelves, fuerte, sabes, cumbre.

Notam-se, ainda, algumas dificuldades fonéticas diante dos sons que realizam /o/:

Primeira: Tende a emitir o som [o] como [o] em sílaba tônica. Por exemplo, pronúncia j[o]ta em vez de j[ɔ]ta.

Superação: Pronunciar todas as o do espanhol como já o faz , algumas vezes, em Português: esboço, sogro, coral. Exemplos: jota, coros, llora, hora

Segunda: Nasaliza muito o som [õ] diante de [m], [n], [p], se estas consoantes nasais estão na mesma sílaba (Alf[õ:]so, Alfonso; c[õ:]pro, compro) como se estiver na sílaba seguinte: (z[õ:]na, zona; c[õ:]ma, coma).

Superação: Nos casos de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, fechar os lábios quando se trate de [m] (compro), apoiar o ápice da língua onde convenha, em caso de [n] (once), quando se trate de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma brevíssima pausa. (zo-na, co-ma, ñoño) Exemplos: contra, conocer, sombra, somos

Terceira: Tende a emitir, de modo muito fraco, o som [o] como [u], em sílaba átona, de final de palavra, esteja seguida ou não de consoante: baj[u], baj[u]s, sord[u]s (bajo, bajos, sordos).

Superação: Emitir o som espanhol [o] levemente acentuado. Exemplos: sordos, pero, esfuerzo, comprensivo.

As vogais orais /e/ e /o/ serão abordadas, conforme realizações das seguintes formas: Em Português, uma é como vogal média-alta anterior, não arredondada, por exemplo, nas palavras m[e]smo (mesmo), ip[e] (ipê), r[e]cibo, (recibo) e a outra forma é como [ɛ] – vogal média-baixa anterior não arredondada, que ocorre, por exemplo: caf[ɛ], café.

O espanhol tem cinco fonemas vocálicos em qualquer posição: /i/ ira, /e/ mesa, /a/ masa, /o/ hora, /u/ uso. O português falado no Brasil possui sete fonemas vocálicos em sílaba tônica (acentuada ortográfica e prosodicamente): /i/ fita, /e/ mesa, /ɛ/ café, /a/ massa, /ə/ glória, /o/ pouco, /u/ susto; cinco, em sílaba átona: /i/, /e/, /a/, /u/ e apenas três em sílaba átona de final de palavra: /i/ verde, /a/ casa, /u/ campo.

Embora não seja objeto deste estudo, também é necessário estudar a consoante, porque, do ponto de vista fonológico, é considerada margem de uma sílaba, e no fonético, uma articulação, ou seja, um som emitido com

obstáculos na cavidade bucal, requer maior aprofundamento para posteriores estudos.

No português, existem vogais orais e nasais. As orais [o] e [e], em posição tônica, podem ser abertas ou fechadas. A rigor classifica-se como aberta apenas o [a], a mais baixa das vogais. O [i] e o [u] são fonemas vocálicos fechados e altos, o [e], o [o], além de uma realização de um [a] fechado, mais comum em Portugal. Assim, no português do Brasil existem 7 vogais orais e 5 vogais nasais, perfazendo um total de 12 fonemas vocálicos em posição tônica. Em posição átona não existem vogais abertas, sendo que em posição átona final, o quadro vocálico do português fica reduzido a três fonemas vocálicos: **a**, **i**, **u** porque o **e** e o **o** fechados ficam reduzidos, respectivamente, a **i** e **u**: pele [ˈpeli], dedo [ˈdedu]¹⁴.

O quadro vocálico do espanhol é muito simples. Consta apenas de cinco fonemas: Não existem no espanhol vogais abertas com distinção fonológica, embora foneticamente haja realizações com maior ou menor abertura vocálica. Os fonemas vocálicos abertos provenientes do latim vulgar permaneceram em português, mas ditongaram-se em espanhol: *petra* > *pedra*, (espanhol) *pedra*; *forte* > *forte*, (espanhol) *fuerte*. O mesmo quadro vocálico mantém-se em posição átona, pois não há elevação vocálica nem mesmo em posição final: *leche* [ˈletʃe], *dedo* [ˈdedo]. Além disso, a nasalização de vogais, tampouco, ocorre em espanhol, ao menos com valor fonológico.

¹⁴ Segundo Masip (2003, p. 37) as vogais latinas **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, no período clássico (do século III a. C. ao I d. C.), dividiam-se em longas e breves, podendo ser tônicas ou átonas, então a partir da época imperial (do século I d. C. em diante) e foram evoluindo até se transformar em abertas e fechadas, conforme consta no quadro 3 desta pesquisa.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO

2.1 Caracterização do contexto da Pesquisa e descrição dos procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo analítico, cuja amostra é composta por oito transcrições fonológicas, retiradas de um texto de uma pesquisa realizada pelo professor Vicente Masip (1994)¹⁵.

Os dados acima citados foram registrados e analisados, considerando alguns fatores lingüísticos durante a aprendizagem do Espanhol como língua estrangeira.

Para uma abordagem quantitativa, sistematizaram-se os dados estatísticos, os quais foram codificados e lançados no programa GOLDAVARB 2001.¹⁶

Para fins de análise qualitativa, os dados apresentados apontavam para a comprovação de como os aprendizes equacionam suas diferenças, valendo-se da LM e podem ser superadas pela intervenção do professor e da consciência fonológica.

Para tratamento do corpus, inicialmente, realizamos o registro do texto base, (cf anexo 1), o qual posteriormente foi devidamente registrado com as transcrições fonéticas dos textos dos alunos, codificados como A1 a A8 (cf. anexo 2), para fins de verificar a realização das vogais médias bem como os aspectos fonológicos no processo de interlíngua.

Após esta etapa, prosseguimos com a seleção e identificação das variáveis dependentes no que diz respeito à incidência das vogais médias que, no processo de interlíngua, muitas vezes, se realizam como abertas, fechadas ou altas. Sendo assim, foram codificadas seguindo os processos que afetam as vogais médias:

¹⁵ Agradeço ao Professor Doutor Vicente Masip o acesso e disponibilidade do texto base da pesquisa e dos anexos de sua tese de doutorado pela UFPE, intitulada Dificuldades fonéticas segmentais de brasileiros recifenses estudantes de espanhol (1994).

¹⁶ GOLDAVARB 2001 é um programa estatístico que permite análise probalística, a fim de realizar o entrecruzamento de dados para a obtenção de resultados mais precisos. É muito utilizado em estudos da Sociolingüística Variacionista, porque consegue correlacionar as variáveis dependentes (formas variantes) das independentes (lingüísticos e extralingüísticos).

elevação (e → i) ; (o → u)
 abaixamento – (o → O) ; (e → E)
 manutenção – (e – o)

Depois, foram selecionadas as variáveis independentes¹⁷. Este registro nos levou em seguida o registro de uma lista de palavras que foram agrupadas quanto:

1) à **tonicidade**, considerando que a posição da sílaba tônica propicia explicações, delimitadas em sílabas pretônicas contígua à tônica, pretônica não contígua, e a postônica final (cf. anexo 3).

2) ao **contexto da vogal seguinte**: é um fator interno relevante nas vogais médias pretônicas /e,o/, pois são favorecedores ao abaixamento ou à manutenção da vogal média fechada. Assim, buscamos codificá-las e classificá-las da seguinte forma:

- antes de nasais;
- antes de [a];
- antes de média fechada;
- antes de média aberta;
- antes de ditongos;
- antes de vogal alta;
- (postônica final).

3) à **posição da consoante seguinte**: Sendo a sílaba uma unidade prosódica, cuja distribuição quanto ao tipo de sílaba, interfere na palavra fonológica, exemplificaremos em Português para justificar alguns exemplos em espanhol, amparados em Bisol, (2005, p. 247) cujos estudos afirmam que há a neutralização da vogal média baixa, na aplicação da pretônica, como por exemplo, caf[E] – caf[e]teira; s[o]l – s[o]lço e também casos de harmonia vocálica, na assimilação do traço alto da vogal seguinte: coruja – c[u]ruja;

¹⁷ O livro a Pesquisa Sociolinguística , de Fernando Tarallo, 2003, nos oferece subsídios sobre as variantes. Esclarece que “ são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Assim, as variáveis independentes são os contextos lingüísticos e extralingüísticos e as varáveis dependentes são as formas variantes, na presente pesquisa, as vogais médias.

menino – m[i]nino. Quanto ao Contexto da consoante seguinte, buscou-se delimitar da seguinte forma:

- labial
- velar
- alveolar
- palatal
- vogal
- zero (postônica)

4) ao **tipo de sílaba**, destaca-se sua importância na hierarquia fonológica, assim consideraremos na cadeia sonora as seguintes estruturas:

- CV – Consoante + vogal
- CV+glide – consoante + vogal + semivogal
- CLV – Consoante + lateral + vogal
- CRV – Consoante + vibrante + vogal
- V – apenas vogal
- CVS – Consoante + vogal + fricativa
- CVL – Consoante + vogal + lateral
- CVN – Consoante + vogal + nasal
- CVR – consoante + vogal + vibrante
- VS – Consoante + vogal

O procedimento do registro dos dados (cf. anexo 3) se processou com o objetivo de codificar e relacionar dados quanto aos elementos pesquisados e com a finalidade de observar a frequência das variáveis. Assim, após seu processamento no programa GOLDVARB 2001, obtivemos os aspectos tabelados.

Posteriormente, estes dados foram descritos e associados com outros, à luz das teorias encontradas na revisão bibliográfica.

Vale salientar que para esta análise, levaremos em consideração não somente os fatores lingüísticos que condicionam as interferências como também os processos históricos, haja vista que as explicações para muitas

destas características são herdadas do latim¹⁸, no qual para o espanhol e para o português ,corresponde a aproximadamente 75% do léxico.

¹⁸ No Capítulo I, da Fundamentação Teórica, apresenta-se o esquema de derivação do sistema vocálico latino, a fim de justificar a influência no português e no espanhol, bem como o perfil tônico de ambas línguas.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS ELEMENTOS

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Para observar a interface entre o sistema vocálico do português e do espanhol bem como sua distribuição alofônica, optamos por identificar a posição do segmento vocálico em relação ao padrão acentual, das vogais médias / e, o, E, O/ em relação às demais vogais.

Sendo assim, a proposta deste estudo é descrever e analisar a realização das vogais médias /e/ e /o/ do espanhol, em posição pretônica e postônica, na interlíngua de aprendizes de espanhol recifenses. Com base no aporte teórico da análise contrastiva, será observada a interlíngua, no que concerne à interferência do português na sua produção da língua espanhola em termos de ocorrência dos processos fonológicos (elevação, abaixamento e manutenção).

O corpus deste estudo, portanto, consta de três tipos de dados:

- Descrição das vogais médias do Espanhol e do Português brasileiro, com falantes recifenses;
- Descrição dos fatores lingüísticos condicionantes;;
- Dados dos fenômenos de abaixamento, elevação e manutenção das vogais médias.

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. As tabelas apresentam os resultados das análises do programa *Goldvarb 2001* (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001), para análise quantitativa. A análise qualitativa dos dados será desenvolvida após a análise quantitativa.

Tabela 1: Ocorrência das vogais médias em relação à vogal da sílaba seguinte

Vogal da sílaba seguinte	Médias fechadas (e,o) N/%	Altas (i,u) N/%	Médias abertas (E,O) N/%	TOTAL N/%
Zero (postônica final)	119 / 67%	55 / 31%	2 / 1%	176 / 42%
Média fechada [e,o]	61 / 89%	0	7 / 10%	68 / 16%
[a]	36 / 75%	0	12 / 25%	48 / 11%
Alta [i,u]	43 / 76%	1 / 1%	12 / 21%	56 / 13%
Nasais	17 / 54%	0	16 / 47%	33 / 9%
Ditongos	13 / 100%	0	0	13 / 3%
Média aberta [E,O]	16 / 100%	0	0	16 / 3%
Total	311 / 74%	56 / 13%	49 / 11%	416 / 100%

A partir do resultado total, o percentual de 74% das vogais médias nos revela que muitos falantes já estão assimilando a LE, pois perceberam o contraste existente no sistema vocálico do PB e do espanhol, considerando que nos contextos de ocorrência das vogais médias em relação a vogal da sílaba seguinte, já existe uma tendência a manutenção da vogal média fechada.

Em relação ao fenômeno da elevação, obtivemos um baixo percentual 13% de diante das vogais altas. A Tabela 1 nos mostra que a elevação foi favorecida pelo zero fonético na sílaba seguinte, ou seja, pela condição de estar em sílaba postônica, como ilustra o percentual de 31%, demonstrando que o aluno usa sua LM como referência, como no exemplo: /verde/ > /verdi/ ; /copo/ > /copu/; /fase/ ; /fasi/. Corroborando esta idéia, Bisol (1984, p. 90) explica que “a elevação da vogal é um processo assimilatório desencadeado por uma vogal da sílaba imediatamente seguinte”. Portanto, isto demonstra que, em português, as vogais médias postônicas finais sofrem um processo categórico de elevação no português, como nas palavras / canto/ /kantu/.

Isto nos alerta para a importância da intervenção do professor a este fator interno, mas determinante nas vogais médias pretônicas, para superação destas dificuldades, desenvolvendo nos aprendizes uma consciência fonêmica.

Para efeito de comparação, ressaltamos o artigo de Vogeley e Hora (2008, p. 10-11) que demonstram em um estudo feito com crianças recifenses, que em nosso dialeto é mais freqüente o uso da variante aberta (E, O) no processo de abaixamento, e também da vogal alta, no processo de elevação ou harmonização vocálica, destacando que há poucos casos de manutenção da média fechada. Exemplificando, temos: tEIEvizãw, mElãsia, sofá, kOla, EIEfãti.

Na Tabela 1, a manutenção da fechada foi condicionada pela média fechada seguinte, cujo percentual foi de 89%, assim representada em /korto/ , /tercera/ ,/moneda/,/mostro/ e pelo zero fonético, como nos exemplos /aunque/; /pako/ com 67% e pela ocorrência das altas em 76% . Comparando o uso da média fechada e diminuição do número de média aberta, corresponde a apenas 11% do quantitativo total. Os resultados mostram que a influência da LM nos aprendizes ocorre por fatores interlingüísticos, por analogia as regras do português, como por exemplo, / Estas/; /Erão/ /siEte/ ; /espEra/.

O abaixamento foi determinado pela presença da vogal "a" na sílaba seguinte ou pelas nasais. Em relação ao contexto seguinte nasal, constatamos que 54% realizam como médias fechadas, como é evidenciado nos exemplos: /Gonzalez/; /aportara/, e 47% realizam como aberta, como em /sEgun/ prEparada/. Assim, constatamos que o que intervêm são fatores intralingüísticos no processo de interlíngua, pois, para superação desta dificuldade, é necessário intervenção pedagógica. Essa alofonia vocálica se caracteriza porque, segundo Bisol (2005, p.173) as vogais médias seguidas de consoantes nasais são vogais médias abertas / E, O/. A autora acrescenta que, em posição postônica medial, apenas as vogais / E, O/ podem apresentar variação alofônica, se a vogal acentuada também for uma vogal média aberta e/ou uma vogal nasalizada.

Esse contexto da vogal seguinte, em português, ocorre quando há vogais nasais, antes de "ã", antes de média fechada, antes da média aberta e antes de ditongo, propiciando o abaixamento, como nas palavras / gOiaba/ ; /Florinda/.

Tabela 2: Frequência das pretônicas de acordo com o contexto consonantal seguinte

	e, o	i,u	E,O	Total
ZERO N	109	68	4	161
%	67	35	2	45
Alveolar N	129	8	19	156
%	82	5	12	37
Velar N	29	0	6	35
%	82	0	17	8
Bilabial N	36	0	4	40
%	90	0	10	9
Palatal N	0	0	8	8
%	0	0	100	1
Total N	311	56	49	416
%	74	13	11	100

Na Tabela 2, verificamos a manutenção da média fechada, com um percentual de 82% da consoante seguinte alveolar, em relação às demais consoantes, como se evidencia nos vocábulos a seguir: /tercera/; /monetaria/; /desequilíbrios/; /medidas/; /kontenidas/; /finalmente/; /tELEvision/. Entretanto, em 12% dos casos, observa-se que realizam com a vogal média aberta diante de alveolar /prEsiza/; /progrEso/; /espEra/; /monEda/; /Erão/. Em seguida, a manutenção é favorecida pela emissão da vogal "e" em sílaba pretônica contígua ou não contígua em relação às velares, também com 82%, como se encontra nas seguintes palavras: /ekonomias/; /ekonomica/ ; /exitu/. Em relação ao contexto velar, apenas 17% de palavras realizam como vogal média aberta: /Economica/ ; /sEgun/; /Economias/.

Houve também manutenção da média fechada, com 90% dos casos diante das bilabiais, como se apresentam nas palavras: /europea/; /preparada/; Houve elevação de 35% em posição postônica, evidenciado em: / periodu/; /komunidades/; /ayuntaminetus/; / huliu/;

Entretanto, realiza-se como média aberta, diante das palatais, em 100% delas, por exemplo: / Ello/ ; Seria preciso posteriormente realizar um estudo mais minucioso sobre as vogais médias do Espanhol diante das palatais, talvez elaborando um texto balanceado em que se incluíssem exemplos de palatais.

Tabela 3: Frequência das pretônicas de acordo com o tipo de sílaba que ocupa

	e, o	i, u	E, O	Total
CV N	199	18	22	239
%	83	7	9	57
CRV N	24	0	0	24
%	100	0	0	5
CVS N	26	22	0	48
%	54	45	0	11
CVG N	52	16	0	41
%	60	39	0	9
CVN N	2	0	6	8
%	100	0	0	1
V N	7	0	17	24
%	29	0	70	5
CRV N	8	0	0	8
%	100	0	0	1
Z N	0	0	2	2
%	0	0	100	0
Total N	311	56	49	416
%	74	13	11	100

A sílaba constitui unidade fonológica que propicia uma descrição estrutural e, portanto, tem um papel central na hierarquia fonológica.

Segundo Collischon (2005, p.102), "uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R) ; a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co)". Assim, algumas teorias apontam que a sonoridade tem um papel importante na estrutura silábica, porque se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Em primeiro lugar, o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba, ao passo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens (ataque e coda). Em segundo lugar, quando há seqüências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Escala de sonoridade

Vogal > Líquida > Nasal > obstruinte
 3 2 1 0

Desta forma, a tabela 3 reflete que a distribuição das sílabas em CRV e CLV obtiveram 100% de freqüência , como por exemplo nas palavras /presiza / e /progreso/; /plazo/ mantendo a sílaba fechada.

Assim, analisaremos alguns itens lexicais:

A manutenção da média fechada 83% (= 199) no contexto CV /barato/ ; /economica/; / gobierno/; /velocidades/; /suelo/; /moneda/ ;/medidas/;/noventa/ . Mas, ainda no contexto CV obtivemos caso de Elevação 7% (=18): /exitu/; / Filipe/. Encontramos apenas 9% de abaixamento, que pode ser devido a uma variação dialetal do português, transferida para o espanhol, como /pEriodu/; /tEIEvision//;

A manutenção também ocorre no contexto CVR 100%(=24) como neste exemplo: /korto .

Verifica-se que também houve manutenção da fechada em 54% no contexto CVS como em / novecientos/ / Gonzalez/, mas esta distribuição favorece mais a elevação 45% (=22) /paiziz/ /comunidades/; ayuntamientus/ velocidades/

Silva (2005, p.180) explica que, "pelo fato de que as vogais assilábicas ou glides¹⁹ ocorrem apenas com as vogais altas /i,u/ átonas e podem anteceder ou seguir outra vogal" identifica-se que na distribuição das sílabas em espanhol obtivemos 60% de manutenção da fechada como uma marca já de distintividade da LM para língua-alvo nos exemplos /xulio/ ; gobierno/, entretanto ainda encontramos 39% de elevação neste contexto, como nas seguintes realizações: /huliu/; / transitoriu/.

Há uma tendência ao abaixamento na produção de vogais médias abertas diante da distribuição CVN de 75%(=6), como em /sEgun/. E, algumas vezes, há a manutenção da fechada em 25%(=2) /contenidas/; /dispondran/

¹⁹ Silva, 2005, p. 171, assume a proposta de Mattoso Câmara (1970), esclarecendo que no sistema fonotático do português , " glides correspondem a um segmento opcional V e podem seguir a vogal (cf. gaita) ou podem preceder a vogal (cf. nacional). Do ponto de vista da representação segmental, os glides correspondem às vogais altas /i, u/ em posição átona, que se manifestam foneticamente como segmentos assilábicos [I,U]. Os glides são sempre associados a uma vogal e nunca podem ser núcleo de sílaba (e conseqüentemente um glide não pode receber acento)."

Sílaba só com vogal propiciou o abaixamento em 70% /Edificable/; /Erão/; /Economica/ em alguns casos. Entretanto, em uma baixa frequência, apenas 29%, há uma manutenção da média fechada: /ekonomias/ ; /ello/. Para sílabas constituídas de uma vogal, Silva (2005, p.154) destaca algumas restrições, as quais vale ressaltar neste contexto, apenas a primeira delas:

a. "As vogais orais [i, e, E, a, O, o, u] podem ocupar a posição de vogal em sílabas constituídas apenas de vogais, sendo que qualquer uma destas vogais pode ocorrer em início de palavra ou em meio de palavra em posição tônica ou átona dependendo do dialeto." Os exemplos apresentados em espanhol nos indicam que, por um lado, há maior interferência do português, por outro já ocorre uma tendência há utilizar os fonemas adequados a LE, como uma demonstração de aquisição /aprendizagem, embora em menor percentual.

No contexto de CRV, há 100%(=8) de manutenção da fechada, como nos exemplos a seguir: / /progreso/; /preciza/

A Tabela 3 revela que, em alguns contextos, há a flutuação da realização das vogais médias, o que nos indica que este é um aspecto positivo, visto que o aprendiz efetivamente está num estágio transitório da língua materna para a língua estrangeira.

Tabela 4 : Frequência das vogais médias átonas em relação à tonicidade:

	e, o	i, u	E, O	Total
Postônica N	123	55	2	180
Final %	68	30	1	46
Pretônica N	105	1	24	130
%	80	0	18	32
Pré- pretônica N	83	0	12	95
%	87	0	12	22
Total N	311	56	49	416
%	74	13	11	100

Com a teoria fonológica, reconhece-se que o acento é marca de distinção fonológica. Mattoso Câmara (1970) aponta o acento "como um delimitador do vocábulo fonológico tendo assim valor demarcativo, além do valor distintivo.

Considerando que Português e Espanhol possuem acento de intensidade, geralmente em posição paroxítona, no entanto, Masip (2001, P. 126) acentua que o português "pronuncia com mais força que o espanhol as sílabas acentuadas, sobretudo as nasalizadas, e com menos força as não acentuadas, especialmente, as de final das palavras ou contíguas à sílaba tônica, ou seja, postônica final. Com os dados tabelados, constatamos que em postônica final obtivemos 68% (=123), confrontados com apenas 30% de elevação. O abaixamento não é representativo em postônica final, porque no nosso dialeto há restrições quanto nunca dizemos / leite/ e sim /leiti/; /periodu/.

Devemos ressaltar a realização das pretônicas, uma vez que o percentual de 80% demonstra que os aprendizes já estão realizando as vogais médias fechadas, mas há o abaixamento em 18%, caso típico do português brasileiro estratégias de generalização em decorrência da aprendizagem e quanto às pré-pretônicas, houve diminuição do abaixamento, somente 12%, não sendo um número expressivo, prova a influência dos outros condicionantes no processo.

Por esta amostra, verifica-se que há uma flutuação, onde interferem fatores interlingüísticos e intralingüísticos, ou seja, pela influência das regras da língua materna e pela influência das regras da língua estrangeira, respectivamente.

Análise por *tabulação*:

Fenômeno	Postônica final	Prétônica	Pré-pretônica	TOTAL
Elevação [i,u]	.12	.10	.78	.30
Manutenção da fechada [e,o]	.55	.2	.0	.57
Abaixamento [E,O]	.2	.34	.9	.45

De acordo com as duas tabelas, sobre a relação entre tonicidade e os processos observados, verificou-se uma tendência à manutenção da fechada em sílaba postônica final (peso relativo=.55), o que revela já um aprendizado por parte dos alunos, como nos exemplos citados anteriormente, mas há ainda uma tendência à elevação em posição postônica (P=.12), demonstrando, também, no entanto, ainda, uma interferência do português no espanhol, visto que é uma tendência do português elevar as vogais médias postônicas finais, como em dente e canto → denti e cantu. Nos exemplos encontrados temos,.78 de elevação nas seguintes palavras: / huliu/ ; /ayuntamientus/ ; /exitu/ ; / fazi/

O abaixamento, assim como no PB, foi favorecido quando se encontrava em posição pretônica (peso relativo=.34). Vogeley e Hora (2008, 19) ressaltam que, em português, "para a manutenção, observa-se, como fator condicionante, a tonicidade da sílaba subsequente, isto é, antes de sílabas tônicas, é mais freqüente a manutenção da vogal média fechada, como nas palavras sorvete [soh'veti] , cenoura [se'nora] e cebola [se'bola]. Claro que há a interferência pelo fato da vogal seguinte ser fechada, mas essa interferência se intensifica quando há contigüidade entre pretônicas e tônicas." Sendo assim, observa-se que, conforme os dados levantados, os aprendizes de espanhol são favorecidos pela estrutura subjacente da LM, possibilitando o uso de estratégias lingüísticas, resultantes de identificações interlingüísticas processadas na mente do aprendiz em nível lexical e fonológico em direção a LE.

Battisti (2005, p. 186) resalta que a distinção entre as médias altas e baixas deve-se à neutralização de vogal átona. Existem três regras de neutralização em favor da vogal alta: a primeira, a da pretônica que converte a

vogal média labial em vogal alta; e a terceira, a da postônica final que converte vogais médias em vogais altas.

Desse modo, a análise permitiu a obtenção, em valores de frequência e significância, das diferenças fonotáticas das vogais médias mais relevantes na produção dos elementos investigados, sinalizando que na aquisição da língua espanhola por aprendizes brasileiros recifenses, percebe-se que do total, do peso .30, na elevação das médias para o abaixamento .45, há uma gradação de modo a se obter a média fechada .57.

Algumas considerações sobre a vogal média:

Conforme estudos sobre interlíngua, salienta-se que os aprendizes usam uma estratégia comunicativa para a aprendizagem, como por exemplo, na palavra "nuebesientos"(Anexo 3, aprendiz A8), houve uma tentativa de aproximar uma forma lexical do espanhol, empregando uma referência já adquirida de uma palavra primitiva "nueve" (numeral do espanhol), demonstrando um processo de hipergeneralização intralingüística, pelo desconhecimento dos traços distintivos dos lexemas e morfemas que compõem os numerais espanhóis, cuja forma mais adequada seria "novecientos".

O mesmo acontece com a palavra novienta em espanhol, cujo acréscimo do ditongo novamente caracteriza que , na aquisição da língua estrangeira, na produção dos sons vocálicos, freqüentemente, troca-se o /e/ por ditongo "i", como podemos citar o substantivo diente (dente); quiero(quero) , assim, observa-se interferência da LE na LM, incidindo em uma inadequação lexical, por influência da língua –alvo.

Destaca-se também, em relação às vogais médias em posição tônica, o surgimento de dificuldade na emissão em espanhol, porque em português, se realiza ora como vogal média baixa /E, O/, ora como vogal média alta (e, o). Assim, apresentamos a seguir as palavras que apresentaram distinções em razão de sua raiz comum: /finalmente/ ;/espEra/; /tercera/ /Eran/ / Estas/ , /progrEso/. Assim, temos na estrutura da sílaba do português e espanhol, na estrutura CVC, como em / Korto/ apresenta 100% (= 08) vogal média fechada.

Um outro aspecto interessante é a leitura/ compreensão do fonema por analogia e similitude com o português, como por exemplo /zuliu/ , embora com um uso de fonema que não existe, em espanhol, sendo um fenômeno resultante de sua interlíngua no aspecto fonológico.

Neste estudo, foram analisados processos de aquisição de segunda língua, com aspectos fonológicos subjacentes à gramática universal dos dois idiomas, bem como, fatores que afetam tais processos no que concerne a interlíngua. Por exemplo, em alguns itens lexicais, percebemos: mistura de pronúncia em decorrência advinda do português :/ kãmaras/; / kãmeras/

Houve também a troca de fonemas em outros segmentos vocálicos; zulio pela aproximação do som da LM. As amostras nos revelam que o desempenho do aprendiz envolve habilidades gerais, pelo seu conhecimento prévio, por já apresentarem diferentes estratégias de leitura em LM, elementos que permitem assim um desenvolvimento cognitivo da LE bastante amplo.

Verificamos que as inadequações fonéticas encontradas podem ser superadas com exercícios e com o desenvolvimento de uma consciência fonêmica por parte dos aprendizes. (Cf. Masip, 2001)²⁰

²⁰ No livro *Fonología y Ortografía españolas: Curso integrado para brasileños*, o autor Vicente Masip destaca a emissão e grafia das vogais espanholas, em relação ao fonema espanhol, dificuldades fonéticas diante dos sons espanhóis que realizam /e/ e /o/ e propõe exercícios para superação.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa pretendeu descrever e analisar os processos fonológicos e fonéticos na aprendizagem de uma segunda língua, fugindo, assim, de uma metodologia de ensino de LE socialmente agnóstica, mas atrelados ao processo de interlíngua e também suscitar questões relevantes advindas do comportamento sociolingüístico em termos da variedade recifense e sua interferência no espanhol.

Acredita-se que o aprofundamento desses estudos oferecerá contribuições para uma visão e análise lingüísticas mais rigorosas e sociolingüisticamente sensível, no sentido de que se enfatize a distintividade como marca indelével na aprendizagem do E/LE.

A importância dos fatores observados no ensino de LE, como as que aqui foram discutidas, e as concepções dos professores diante desses aspectos indicam importantes constatações quanto ao ensino de pronúncia efetuado pelos professores de Espanhol como segunda língua.

A análise lingüística efetuada, neste estudo, foi apenas um recorte epistemológico no campo de estudo da Fonética e da Fonologia, pois na perspectiva de compreender os sistemas sonoros das línguas, há muito que se investigar sobre tais processos, especialmente nas rotas fonológicas que os aprendizes são expostos em contextos de Aquisição de Segunda Língua.

Vale destacar que as línguas têm regras ou parâmetros específicos que determinam as posições que cada som ou seqüência de sons pode ocupar numa sílaba – são as chamadas regras fonotáticas. Assim, é possível notar, na aprendizagem de uma língua estrangeira, a transferência de algumas características de L1 para a língua-alvo ou L2.

Nessa perspectiva, considera-se a hipótese da interlíngua adequada, uma vez que possibilita uma definição de L1 como *input* interno ativo, funcionando como recurso prévio, utilizada sistematicamente pelo aprendiz na tentativa de alçar sua língua interna. Como os estudos de transferência demonstram, esse recurso prévio é usado estrategicamente pelo aprendiz.

Sendo assim, a L1 participa na interação colaborativa que media a aprendizagem da L2 e a L1 participa na mente do aprendiz como estratégia de aprendizagem e base de recursos prévios.

A proposta é discutir a aprendizagem sob o ponto de vista da Lingüística Aplicada ao Ensino de Espanhol, fazendo um diálogo com a psicolingüística, relacionando-a às hipóteses da interlíngua, levando-nos a outros horizontes, tais como a construção de parâmetros para o léxico, para a interação fonologia-sintaxe, enfim para outros modelos teóricos, sendo esta idiosincrasia, vista como produto e processo de aprendizagem.

Além disso, como pesquisadora de Aquisição/aprendizagem e professora de Espanhol, acredito que o aprendiz de uma língua estrangeira, no percurso de seu aprendizado, tem o direito lingüístico de saber, durante as trocas interativas com professor, colegas, além do contato com materiais autênticos, que aspectos lingüísticos, cognitivos e culturais estão envolvidos no processo comunicativo, bem como, serve de instrumento útil na intervenção pedagógica adequada ao aprendizado da língua-alvo.

Destarte, propomos algumas sugestões:

- Necessidade de formação dos professores, com maior embasamento teórico nos níveis fonológico e fonético;
- Ampliar este estudo com um texto balanceado e com as variáveis extralingüísticas, como por exemplo, faixa etária, gênero, nível sócio-econômico e cultural, uma vez que essas não foram abordadas nessa pesquisa.
- Comparar informantes de diferentes variedades e de diferentes níveis de proficiências lingüísticas.

Finalizando, para uma melhor interface fonologia –ensino, no processo de interlíngua, buscou-se encontrar explicações que enfocassem não só o produto, mas o processo, que poderá servir de parâmetros para descrever e analisar as possíveis ocorrências no entrecruzamento de dados, cuja finalidade é a minimização e superação das dificuldades mediante a intervenção do professor.

Finalizando, reconhecer o valor cognitivo-cultural educacional, formativo da língua estrangeira no currículo, cuja aprendizagem deve-se inserir numa

matriz comunicativa de interação social, considerando que os participantes são sujeitos históricos com capacidades intrínsecas distintas e que merecem respeito nas suas hipóteses de aprendizagem e necessitam conhecer o nível lingüístico da LE para que possam superar as dificuldades na aquisição da segunda língua.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. São Paulo: Pontes, 2002.
- AZEVEDO, M.M. **A Contrastive Phonology Portuguese and English**. Washigton, D.C. Georgetown University Press, 1980.
- BATTISTI, E. e VIEIRA, M.J.B. **O sistema vocálico do português**. Bisol (org.), Introdução a estudos de fonologia do português. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BAKHTIN, M. /VOSHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3ª ed. São Paulo, Hucitec.
- _____. **¿Qué es el lenguaje?** In Silvestri, A. e Black, G. Bajtín y Vigotiski: la organización semiótica de la conciencia. Barcelona, Antropos.
- Bisol, Leda (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BROWN, H.D. **Principles of Language Learning and Teaching** (2 ed) new York: Addison Wesley Longman, 2000.
- BRUNO, Fátima Cabral (org.). **Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1976.
- _____. **Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. **Afinal, o que é Lingüística Aplicada?** In: **Lingüística Aplicada: da aplicação da Lingüística à Lingüística Transdisciplinar**. Zanotto Paschoal, Maria Sofia e Celani, Maria Antonieta Alba. São Paulo: EDUC, 1992.
- CORDER, S.P. **Error Análisis and Interlanguage**. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- ELLIS, R. **The origins of interlanguage**. Applied Linguistics, III /3., 1982
- _____. (1997). **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press.
- FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo; Parábola, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.
- HORA, Dermeval da. LUCENA, Rubens Marques (orgs.) **Política lingüística na América Latina**. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2008.

- Krashen, Stephen D. **Second Language Acquisition and Second Language learning**. Oxford: Pergamon Press, 1981.
- _____. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- LAMPRECHT, R. et all. **Aquisição Fonológica do Português. Perfil de Desenvolvimento e Subsídios para terapia**. Porto Alegre : Artmed Editora S.A., 2004.
- LITTLEWOOD, W. **Foreign and Second Language Learning**. Cambridge Language Teaching Library, Cambridge University Press, 1984.
- MASIP, Vicente. **Fonologia e ortografia espanholas**, Recife: Bagaço, 1999.
- _____. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**, São Paulo: EPU, 2003.
- _____. **Dificuldades fonéticas segmentais de brasileiros recifenses estudantes de espanhol**. Dissertação de mestrado. UFPE, 1994.
- _____. **Interpretação de Textos: Curso de integrado de Lógica e Lingüística**. São Paulo: E.P.U., 2001.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Introdução à teoria fonológica**. Bisol (org.) Introdução a estudos de fonologia do português. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- MIRANDA POZA, J. A. et all. **Lengua, cultura y literatura aplicadas a la enseñanza-aprendizaje de E/LE** . In ANDION HERRERO, M. A. Las Variedades y el EL2/LE. Recife, Bagaço, 2008.
- MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque. **Elisão das sílabas fracas em uma criança com desvio fonológico: análise, descrição e comparação com o desenvolvimento normal**. Recife, UNICAP, 2004. Dissertação de mestrado.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Projetos, relatórios e textos na educação básica: como fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**, 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SEDYCIAS, João.(Org.) **O ensino do Espanhol do Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SELINKER, L. (1992). **Rediscovering interlanguage**. Essex: Longman.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonología do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8 ed., São Paulo: Contexto, 2005.
- Parâmetros curriculares Nacionais: língua estrangeira. Secretaria de Educação, Brasília: MEC, 1998.
- VOGELEY, Ana Carla Estellita e HORA, Dermeval da. Aquisição das vogais médias. **Aquisição das vogais médias pretônicas**. In: XV Congreso Internacional de la ALFAL, 2008, Montevideo. Libro de Resúmenes.

Montevideo: Gega s.r.l., 2008. p.150.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonologia>. Acesso em 26/08/08, às 10:20.

VOGELEY, Ana Carla Estellita. **Variações Lingüísticas x Desvios Fonológicos**. Recife, UNICAP, 2006. Dissertação de mestrado.

YOKOTA, Rosa. **Aquisição/ aprendizagem de línguas estrangeiras – aspectos teóricos**. BRUNO, Fátima Cabral (org.). **Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ANEXOS

Anexo 1: Texto base da pesquisa

(Radio Exterior de España – Panorama de España – Septiembre de 1991)

1 Finalmente, La tercera fase de La unión económica y
2 monetaria de la Comunidad Europea no se hará
3 en dos velocidades, aunque los países con
4 mayores desequilibrios dispondrán de un período
5 transitorio para Adaptar sus economías.
6 Según Solgacha, España está preparada para
7 la implantación de la moneda única en
8 mil novecientos noventa y siete, aunque se
9 precisa un esfuerzo a corto plazo.
10 Estas palabras eran ratificadas por Felipe
11 González, que ante las cámaras de televisión
12 se mostró partidario de aplicar las medidas
13 contenidas en el pacto de progreso que se
14 discutió, sin éxito, en Julio.
15 Para ello el Gobierno aportará suelo edificable
16 barato y espera que también contribuyan las
17 comunidades y los ayuntamientos.

Anexo 2 : Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A 1

A 2

A 3

A 4

A 5

A 6

A 7

A 8

A 1

A 2

A 3

A 4

A 5

A 6

A 7

A 8

A 1

A 2

A 3

A 4

A 5

A 6

A 7

A 8

Anexo 2 : Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A1	finalmente	Tersera	fásə
A2	finalmente	tersera	fá:sa
A3	finalmente	Tersera	fa:za
A4	finalmente	Tersera	fãzã
A5	finalmente	Tersera	fã:se
A6	finalmente	Terreira	fãze
A7	finalmente	Tersera	fãze
A8	finalmente	Terzeira	fã:zi
A1	econômica	monetária	Komunidade
A2	Ekonômika	monetária	Komunidade:(d)
A3	eKonômika	monetária	Komunidade
A4	Ekonômika	monetária	Komunidade
A5	eKonômika	monetária	Komunidade:
A6	eKonômika	monetária	Komunidade:
A7	eKonômika	monetária	Komunidade
A8	Ekonômika	monetária	Komunidade:(d)
A1	europeia	belosidade	aũnk(a)
A2	europeia	belosidade	aũnkə
A3	europeia	belosidade	aũnkə
A4	europeia	belosidade	aũnkə
A5	europeia	belosidade	aũnkə
A6	europeia	belosidade	aũnkə
A7	europeia	belosidades	aũnkə
A8	europeia	belosidade	aũnke

Anexo 2 : Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A 1	paíziz	pÉríodu	Trānsitórju
A 2	paíziz	períodu	Trānzitórju
A 3	paiziz	pÉríodu	Trānzitórju
A 4	paíziz	períodu	Trānzitórju
A 5	países	períodū	Trānzitórju
A 6	paíziz	pÉríodu	Trānzitórju
A 7	países	períodu	Trānzitórju
A 8	paíziz	pÉríodu	Trānzitórju
A 1	ékonomías	segūn	españā
A 2	ékónomías	segūn	españp
A 3	ékónomías	segūn	Éspāna
A 4	ekonomías	segūn	españā
A 5	Ékonomías	segūn	españā
A 6	Ékonomías	segūn	Espāna
A 7	ékonomías	segūn	españā
A 8	ékónomías	segūn	españā
A 1	preparáda	monéda	nobesjēnto
A 2	preparáda	monéda	nobesiēntos
A 3	prÉparáda	monÉda	nobesiēnto(s)
A 4	prepará:da	monÉda	nobesiēntus
A 5	prepará:da	monÉda	nobesēnto
A 6	prÉparáda	monÉda	nobesēntos
A 7	preparáda	monéda	noves(i)entos
A 8	preparáda	monÉda	novesiēntus

Anexo 2: Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A 1	no ē nta	SIETə	presíza
A 2	nov ē nta	SIÉ:Ta	presí:za
A 3	nob e nta	SIÉTə	prÉzíza
A 4	nov i ēnta	S(ɪ)ETə	presíza
A 5	nob e nta	SJETe	presíza
A 6	nob e nta	S(ɪ)ÉTe	presí:za
A 7	nov e nta	SIÉTe	prezíza
A 8	nov e nta	S(j)ÉTe	prÉsí:za
A 1	esfw ē rso	KóRTə	plá:so
A 2	esfw e rso	KorTo	plá:so
A 3	esfw e rso	KóRTə	plá:zo
A 4	esfw e :rso	KóRTə	plá:zo
A 5	esfw e :rso	KóRTə	plázo
A 6	esfw ē rso	KóRTə	plá:so
A 7	esfw ē rso	KóRTə	plá:zo
A 8	esfw ē rso	KÚRTə	plá:zo
A 1	És ā 's	Érãõ	felípa
A 2	És T as	Érãõ	felí:pe
A 3	És T as	Érãñ	felípa
A 4	És T as	Érãõ	felípa
A 5	És (+) as	Éra(n)	felípa
A 6	És T as	Érãõ	filipa
A 7	És T as	Érãõ	felípa
A 8	És T as	Érãõ	felípa

Anexo 2 : Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A 1	gõ̃nsa: /əs	ã̃nte	kāmaras
A 2	gõ̃zã: /əz	ã̃ntə	kāmaras
A 3	gõ̃zã: /əz	ã̃ntə	kāmaras
A 4	gõ̃nsã: /əs	ã̃nte	kāmeras
A 5	gõ̃nsa: /es	ã̃nte	kāmeras
A 6	gõ̃zã: /éz	ã̃nte	kāmaras
A 7	gõ̃zã: /ez	ã̃ntə	kāmaras
A 8	gõ̃zã: /əz	ã̃ntə	kāmaras
A 1	Telebisiõ̃n	mostro'	partida: rjo
A 2	TELÉVIZJõ̃n	mostro'	párTida: rio
A 3	TELÉVIZJõ̃n	mostro'	partida: rjo
A 4	TELÉVIZJõ̃n	mostro'	partida: rjo
A 5	TÉLÉBISIõ̃n	mostro'	partida: rio
A 6	TÉLÉBISIõ̃n	mostro':	paRTida: rjo
A 7	TELEVISION	mostro'	pa:RTida: rjo
A 8	TÉLÉVIZIõ̃n	mostro'	paRTida: rio
A 1	medidas	Kõ̃ntenída(s)	páKTo
A 2	medidas	Kõ̃ntení: das	páKItO
A 3	medí: das	Kõ̃není: das	pá:KTO
A 4	medí: das	Kõ̃není: das	pá:KItO
A 5	medí: das	Kõ̃není: das	pá:KItO
A 6	medidas	Kõ̃není: das	pá:KItO
A 7	medidas	Kõ̃ntení: das	pá:KTO
A 8	medí: das	Kõ̃ntení: das	pá:KItO

Anexo 2: Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A 1	p(r)ogrÉso	discútiú	é:ksITO
A 2	progrÉso	TISKUTSjú	e:zITU
A 3	progrÉso	dISKUTSjú	e:zITU
A 4	prog(r)Éso	deskuTiú	é:zITO
A 5	progrÉso	diskuTiú	e:sITO
A 6	progrÉso	diskUTJo'	é:gsITU
A 7	progrÉzo	dezcuTSjú	ÉgzITU
A 8	prog(r)Éso	diskuTió:	é:zITU
A 1	xú:ljo	é:ljo	gobjérno
A 2	Hú:lju	e:ljo	góbierno
A 3	HÚljú	e:ljo	gobjé:rno
A 4	HÚljú	e:ljo	gobierno
A 5	xú:ljo	é:ljo	gobieRno
A 6	HÚljú	é:ljo	gobjé:rno
A 7	HÚljú	E:ljo	gobierno
A 8	zú:ljo	E:ljo	gobiÉrno
A 1	aportará	edificable	bará:To
A 2	aportará	Édífiká:bla	bará:To
A 3	aportará	edi:fiká:ble	bará:To
A 4	aportará:	edifika:bla	bara:To
A 5	aportará	edifika:ble	bara:To
A 6	aportará	édifikaáble	bará:To
A 7	aportará	edifika:bla	bará:To
A 8	aportará	Édífiká:ble	bará:To

Anexo 2 : Transcrições fonéticas do texto base da pesquisa (que apresentam vogais médias (pretônicas e postônicas)

A 1	espÉ:ra	Komunidã:dəs	ayũntamiēntos
A 2	éspÉra	Komúnidã:dis	ayũntamiēntos
A 3	espÉra	Komunidã:dəz	ayũntamiēntos
A 4	espÉra	Komunida:dəs	ayũntamiēntəs
A 5	espÉra	Komunidã:des	ayũntamiēntus
A 6	espÉra	Komunidã:dəs	ayũntamjēntös
A 7	espÉra	Komunidã:dis	ayuntamiēntus
A 8	əspÉra	Komunidã:dəs	ayũntamiēntos - - -
A 1			
A 2			
A 3			
A 4			
A 5			
A 6			
A 7			
A 8			
A 1			
A 2			
A 3			
A 4			
A 5			
A 6			
A 7			
A 8			

ANEXO 3: LISTA DE ITENS LEXICAIS QUE POSSUEM VOGAIS MÉDIAS, QUANTO À POSIÇÃO DA SÍLABA TÔNICA

TÔNICAS	PRETÔNICAS	POSTÔNICAS
01 - finalmente 02 - tercera 03 - económica 04 - europea 05 - mayores 06 - transitorio 07 - moneda 08 - novecientos 09 - noventa 10 - siete 11 - esfuerzo 13 - Estas 14 - Eran 14 - television 15 - progreso 16 - éxito 17 - ello 18 - gobierno 19 - suelo 20 - espera 21 - también	Contígua ou não contígua 01 - tercera 02 - económica 03 - monetaria 04 - comunidad 05 - Europea 06 - velocidades 07 - desequilibrios 08 - dispondrán 09 - economía 10 - según 11 - España 12 - prEparada 13 - moneda 14 - novecientos 15 - noventa 16 - precisa 17 - esfuerzo 18 - Felipe 19 - González 20 - television 21 - mostró 22 - medidas 23 - contenidas 24 - progreso 25 - gobierno 26 - aportará 27 - edificable 28 - espera 29 - contribuyan 30 - comunidades 31 - período	01 - finalmente 02 - fase 03 - países 04 - desequilibrios 05 - período 06 - transitorio 07 - novecientos 08 - aunque 09 - esfuerzo 10 - corto 12 - Felipe 13 - Gonzalez 14 - partidario 15 - pacto 16 - progreso 17 - discutió 18 - éxito 19 - julio 20 - gobierno 21 - suelo 22 - edificable 23 - barato 24 - comunidades 25 - ayuntamientos 26 - ante 27 - velocidades

Anexo 4: Datos

; Sujeito 1

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(eRiCZx	economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetária
(eRIBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidades
(eRITFx	belosidades
(eYpTKx	belosidades
(UYpPKv	paísiz
(EQITFv	pEriodu
(UYpPFv	pEriodu
(UYpPGv	transitoriu
(eRXWx	ekonomías
(eQgxMx	según
(eQhBFx	España
(eRhBFx	preparada
(eQhTFx	moneda
(eRiTFx	novesientos
(eQkTFx	novesientos
(oYpTKx	novesientos
(eQgTFx	noventa
(eQlPFx	presiza
(eQkCFx	esfwuerso
(eYpPGx	esfwuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhCJz	Ésas
(EqgXJz	Érão
(eQITFx	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(eRiTFx	televisión
(eQITFx	televisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(UYpPGv	discutiü
(UYpPFv	é:ksitu
(eYpPGx	xulio
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno

(eRhTNx	aportará
(eRICJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(eYpPKx	Komunidades
(eYpPKx	ayuntamientos

; Sujeito 2

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(eRiCZx	economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetária
(eRIBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidades
(eRITFx	belosidades
(UYpTKv	belosidades
(UYpPKv	paísiz
(eQITFx	períodu
(UYpPFv	períodu
(UYpPGv	transitoriu
(eRXWx	ekonomías
(EQgxMz	según
(eQhBFx	España
(eRhBFx	preparada
(eQhTFx	moneda
(eRiTFx	novesientos
(oYpTKx	novesientos
(eQgTFx	noventa
(eQIPFx	presiza
(eQkCFx	esfwuerso
(eYpPGx	esfwuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhCJz	Ésas
(EqgXJz	Érão
(eQITFx	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(eRiTFx	televisión
(EqITFz	televisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(UYpPGv	discutiu
(UYpPFv	é:ksitu

(UYpPGv	xuliu
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno
(eRhTNx	aportará
(eRICJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(UYpPKv	Komunidades
(eYpPKx	ayuntamientos

; Sujeito 3

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(eRiCZx	economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetária
(eRIBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidades
(eRITFx	belosidades
(UYpTKv	belosidades
(UYpPKv	paísiz
(eQITFx	períodu
(UYpPFv	períodu
(UYpPGv	transitoriu
(eRXWx	ekonomías
(EQgxMz	sEgún
(EQhBFz	España
(ERhBFz	prEparada
(eQhTFx	moneda
(eRiTFx	novesientos
(eQkTFx	novesientos
(oYpTKx	novesientos
(eQgTFx	noventa
(EQIPFz	prEsiza
(eQkCFx	esfwuerso
(eYpPGx	esfwuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhCJz	Ésas
(EqgXJz	Érão
(eQITFx	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(eRiTFx	televisión
(EqITFz	televisión
(eYpPGx	partidario

(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(UYpPGv	discuti
(UYpPFv	é:ksitu
(UYpPGv	xuliu
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno
(eRhTNx	aportará
(eRICJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(UYpPKv	Komunidades
(eYpPKx	ayuntamientos

; Sujeito 4

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(ERiCZx	Economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetária
(eRiBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidadis
(eQITFx	belosidadis
(UYpPKv	belosidadis
(UYpPKv	paísiz
(eQITFx	períodu
(UYpPFv	períodu
(UYpPGv	transitoriu
(eRXWx	ekonomías
(EQgxMz	sEgún
(eQhBFx	españa
(eRhBFx	preparada
(eQhTFx	moneda
(eRiTFx	novesientus
(eQkTFx	novesientus
(UYpTKv	novesientus
(eQkTGx	novienta
(eQlPFx	presiza
(eQkCFx	esfwuerso
(eYpPGx	esfwuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhTJz	Éstas
(EqgXJz	Érão
(eQITFx	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales

(eYpPFx	ante
(ERiTFz	tElEvisión
(EqITFz	tElEvisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(UYpPGv	discutiú
(UYpPFv	é:ksitu
(UYpPGv	xuliu
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno
(eRhTNx	aportará
(eRlCJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(UYpPKv	Komunidades
(eYpPKx	ayuntamientos

; Sujeito 5

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(eRiCZx	economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetaria
(eRIBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidadis
(eRlTFx	belosidadis
(UYpTKv	belosidadis
(eYpPKv	países
(eQITFx	períodu
(UYpPFv	períodu
(eYpPGx	transitorio
(ERXWz	Ekonomías
(eQgxMx	según
(eQhBFx	españa
(eRhBFx	preparada
(eQhTFx	moneda
(eRgTFx	novesento
(eQgTFx	novesento
(eYpTKx	novesento
(eYgTFx	noventa
(eQlPFx	presiza
(eQkCFx	esfuerso
(eYpPGx	esfuerso
(eQiTNx	Korto

(eYpPHx	plazo
(EQhTJz	Éstas
(EqgXJz	Érão
(eQITFx	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(ERiTFz	tElEvisión
(EQITFz	tElEvisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(UYpPGv	discutiú
(UYpPFv	é:ksitu
(eYpPGx	xulio
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno
(eRhTNx	aportará
(eRICJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(UYpPKv	Komunidades
(UYpPKv	ayuntamientus

; Sujeito 6

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(eRiCZx	economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetaria
(eRiBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidadis
(eRITFx	belosidadis
(UYpTKv	belosidadis
(UYpPKv	paísiz
(eQITFx	períodu
(UYpPFv	períodu
(UYpPGu	transitoriu
(ERXWz	Ekonomías
(EQgxMz	sEgún
(EQhBFz	España
(ERhBFz	prEparada
(eQhTFx	moneda
(eRgTFx	novesento
(eQgTFx	novesento
(eYpTKx	novesento
(eYgTFx	noventa

(eQlPFx	presiza
(eQkCFx	esfuerso
(eYpPGx	esfuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhTJz	Éstas
(EqgXJz	Érão
(UQITFv	Filipe
(eYpPFx	Filipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(ERiTFz	tElEvisión
(EQITFz	tElEvisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(eYpPGx	discutio
(UYpPFv	é:ksitu
(eYpPGv	xuliu
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno
(eRhTNx	aportará
(eRlCJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(UYpPKv	Komunidades
(eYpPKx	ayuntamientos

; Sujeito 7

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(eYpPFx	fase
(eRiCZx	economika
(eQiTFx	economika
(eRiTFx	monetaria
(eQhTFx	monetaria
(eRlBFx	komunidad
(eRiTFx	belosidades
(eRlTFx	belosidades
(eYpTKx	belosidades
(eYpPKx	paísez
(eQlTFx	períodu
(UYpPFv	períodu
(UYpPGu	transitoriu
(eRXWx	konomias
(EQgxMz	sEgún
(eQhBFx	España
(eRhBFx	preparada

(eQhTFx	moneda
(eRgTFx	novesento
(eQgTFx	novesento
(eYpTKx	novesento
(eYgTFx	noventa
(eQlPFx	presiza
(eQkCFx	esfuerso
(eYpPGx	esfuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhTJz	Éstas
(EqgXJz	Érão
(eQlTF	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(ERiTFz	tELEvisión
(EQlTFz	tELEvisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(UYpPGv	discutiú
(UYpPFv	é:ksitu
(eYpPGv	xuliu
(eYpPFx	é:lo
(eYpPFx	gobierno
(eRhTNx	aportará
(eRlCJx	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRlBFx	Komunidades
(UYpPKv	Komunidades
(UYpPKv	ayuntamientos

; Sujeito 8

(eYpPFx	finalmente
(eQiTNx	tersera
(UYpPFv	fasi
(ERlCZz	Economika
(eQiTFx	economika
(eRlTFx	monetaria
(eQhTFx	monetaria
(eRlBFx	komunidad
(eRlTFx	belosidadis
(eRlTFx	belosidadis
(UYpTKv	belosidadis
(UYpPKv	paísiz
(EQlTFz	pEríodu
(UYpPFv	Periodu
(UYpPGu	transitoriu

(eRXWx	ekonomías
(EQgxMz	sEgún
(eQhBFx	España
(eRhBFx	preparada
(eQhTFx	moneda
(eRgTFx	novesento
(eQgTFx	novesento
(UYpTKv	novesentu
(eYgTFx	noventa
(EQIPFz	prEsiza
(eQkCFx	esfuerso
(eYpPGx	esfuerso
(eQiTNx	Korto
(eYpPHx	plazo
(EQhTJz	Éstas
(EqgXJz	Érão
(eQITFx	Felipe
(eYpPFx	Felipe
(eYpTKx	gonzales
(eYpPFx	ante
(ERiTFz	tElEvisión
(EQITFz	tElEvisión
(eYpPGx	partidario
(eQjCVx	progrEso
(eYpPFx	progrEso
(eYpPGx	discutio
(UYpPFv	é:ksitu
(eYpPGx	xulio
(EYpPFz	é:lo
(EYpPFz	gobierno
(eRhTNx	aportará
(ERICJz	edificable
(eYpPFx	barato
(eQjBFx	espEra
(eRiBFx	Komunidades
(eYpPKx	Komunidades
(eYpPKx	ayuntamientos

Anexo 5:**LEI 1.161, DE 5 DE AGOSTO DE 2005****Dispõe sobre o ensino da língua espanhola.**

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio.

§ 1º O processo de implantação deverá estar concluído no prazo de cinco anos, a partir da implantação desta Lei.

§ 2º É facultada a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do ensino fundamental de 5ª a 8ª séries.

Art. 2º A oferta da língua espanhola pelas redes públicas de ensino deverá ser feita no horário regular de aula dos alunos.

Art. 3º Os sistemas públicos de ensino implantarão Centros de Ensino de Língua Estrangeira, cuja programação incluirá, necessariamente, a oferta de língua espanhola.

Art. 4º A rede privada poderá tornar disponível esta oferta por meio de diferentes estratégias que incluam desde aulas convencionais no horário normal dos alunos até a matrícula em cursos e Centro de Estudos de Língua Moderna.

Art. 5º Os Conselhos Estaduais de Educação e do Distrito Federal emitirão as normas necessárias à execução desta Lei, de acordo com as condições e peculiaridades de cada unidade federada.

Art. 6º A União, no âmbito da política nacional de educação, estimulará e apoiará os sistemas estaduais e do Distrito Federal na execução desta Lei.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Brasília, 5 de agosto de 2005; 184ª da Independência e 117ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 8.8.2005.

Anexo 6: Alfabeto Fonético Internacional

EL ALFABETO FONETICO INTERNACIONAL (actualizado en 2005)

CONSONANTES (INFRAGLOTALES)

	LABIAL		CORONAL				DORSAL			RADICAL		GLOTTAL
	BILABIAL	LABIODENTAL	DENTAL	ALVEOLAR	POSTALVEOLAR	RETROFLEJA	PALATAL	VELAR	UVULAR	FARÍNGEA	EPIGLOTTAL	
NASAL	m	ɱ	n				ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
OCLUSIVA	p b	ɸ β	t d			ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ	
FRICATIVA	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	ʜ ʕ̥	
APROXIMANTE		ʋ	ɹ			ɻ	j	ɰ				
VIBRANTE MÚLTIPLE	ʙ		r						ʀ		ʀ̥	
VIBRANTE SIMPLE		ʋ	r			ɽ						
FRICATIVA LATERAL			ɬ ɮ			ɬ̺ ɮ̺	ɬ̺̥ ɮ̺̥					
APROXIMANTE LATERAL			l			ɭ	ʎ	ʟ				
VIBR. SIMPLE LATERAL			l			ɭ						

Las consonantes alineadas a la izquierda son sordas, las alineadas a la derecha sonoras. Las casillas en gris son articulaciones consideradas imposibles.

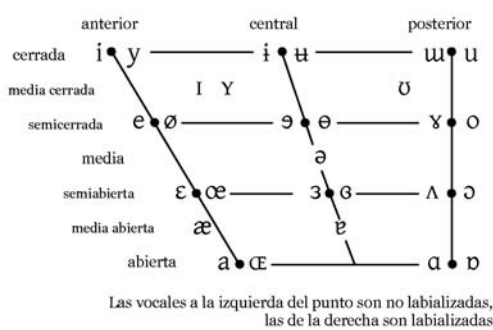
CONSONANTES (SUPRAGLOTALES)

CLIC	IMPLOSIVA	EYECTIVA
◌̥ bilabial	ɓ bilabial	ʼ como en:
dental	ɗ dental / alveolar	pʼ bilabial
! (post)alveolar	f palatal	tʼ dental / alveolar
‡ palatoalveolar	ɟ velar	kʼ velar
lateral alveolar	ɠ uvular	sʼ fricativa alveolar

CONSONANTES (COARTICULADAS)

- ʍ fricativa labiovelar sorda
- w aproximante labiovelar sonora
- ɥ aproximante labiopalatal sonora
- ɕ fricativa alveopalatal sorda
- ʑ fricativa alveopalatal sonora
- ɥɥ ʃ y x simultáneas
- kp̚ ts̚ Africadas y dobles articulaciones pueden representarse con dos símbolos atados con una cuña

VOCALES



SUPRASEGMENTALES

TONO

- ˈ acento principal
- ˈˈ acento extra
- ˌ acento secundario
- eː larga
- eˑ semilarga
- eˑ breve
- ˙ rotura silábica
- ˙ enlace
- ː ENTONACIÓN
- | grupo menor (pie)
- || grupo mayor (entonación)
- ↗ ascenso global
- ↘ descenso global
- NIVEL
- ˥ extra alto
- ˨ alto
- ˩ medio
- ˨˩ bajo
- ˩˩ extra bajo
- NIVELACIÓN
- ˥˥ -1 tono
- ˥˥˥ ascendente
- ˥˥˥ descendente
- ˥˥˥˥ ascendente
- ˥˥˥˥ descendente
- CONTORNO
- ˩˥ ascendente
- ˥˩ descendente
- ˩˥˩ ascendente alto
- ˩˥˩ descendente bajo
- ˩˥˩˥ descendente alto
- ˩˥˩˥ descendente bajo
- ˥˥˥˥ ascendente
- ˥˥˥˥ descendente
- ˥˥˥˥ ascendente

DIACRÍTICOS En algunos pueden aparecer arriba: ɨ̥. En superíndice: t^h (tendencia fricativa), b^h (sonora mate), ʔ^a (ataque glotal), ɔ̥ (schwa epentético), o^o (diftongación)

SILABICIDAD Y TENDENCIA		FONACIÓN		ARTICULACIÓN PRIMARIA		ARTICULACIÓN SECUNDARIA			
ɹ ɳ	silábica	ɳ̥ ɳ̥	ensordecida	ʈ ɖ	dental	t ^w d ^w	labializada	ɕ ɟ	más labializada
ɕ ɟ	no silábica	ʂ ʐ	sonorizada	ʈ ɖ	apical	t ^j d ^j	palatalizada	ɕ ɟ ^w	menos labializada
t ^h d ^h	aspirada	b̥ ɗ̥	sonora mate	ʈ ɖ	laminal	t ^y d ^y	velarizada	ẽ ʒ̥	nasalizada
d ⁿ	tendencia nasal	b̥̥ ɗ̥̥	sonora estridente	ɹ ɻ	avanzada	t ^ɕ d ^ɕ	faringizada	ʕ̥ ʕ̥	rotacismo
d ^l	tendencia lateral	b̥̥̥ ɗ̥̥̥	estridente	ɨ ʈ	retraída	ʈ ʑ	velarizada o faringizada	ɕ̥ ɟ̥	base de la lengua avanzada
d ^ˀ	tendencia no audible	ʈ̥ ɖ̥	linguolabial	ẽ ɞ̥	centralizada	ẽ ʉ̥	medio centralizada	ɕ̥ ɟ̥	base de la lengua retraída
ɕ β	descenso lingual (β es aproximante bilabial)	ɕ̥ ɟ̥		ɕ̥ ɟ̥	ascenso lingual (ɟ̥ es fricativa alveolar sonora no sibilante)				